



Universidade de Brasília

Instituto de Artes – IdA

Departamento de Artes Visuais – VIS

Bacharelado em Artes Visuais – VIS

BÁRBARA GOMES DE LIMA MOREIRA

Sonhos Uterinos

Brasília – DF – 2023

BÁRBARA GOMES DE LIMA MOREIRA

Sonhos Uterinos

Brasília – DF – 2023

BÁRBARA GOMES DE LIMA MOREIRA

Sonhos Uterinos

Trabalho de conclusão de curso de
Bacharelado em Artes Visuais do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Cinara Barbosa.

Brasília – DF – 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GM838s Gomes de Lima Moreira, Bárbara
Sonhos Uterinos / Bárbara Gomes de Lima Moreira;
orientador Cinara Barbosa de Sousa. -- Brasília, 2023.
75 p.

Monografia (Graduação - Artes Visuais - Bacharelado) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. Arte feminista. 2. Artistas mulheres. 3. Cosmologias.
4. Pintura. 5. Útero. I. Barbosa de Sousa, Cinara, orient.
II. Título.

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais – VIS
Bacharelado em Artes Visuais – VIS

Banca examinadora composta por:

Prof. Dra. Cinara Barbosa de Sousa (Orientadora)

Prof. Dra. Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira

Prof. Dra. Juliana de Freitas Dias

MOREIRA, Bárbara Gomes de Lima

Sonhos Uterinos

Monografia (Bacharel em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cinara Barbosa de Sousa.

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte. Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900.

Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais – VIS
Bacharelado em Artes Visuais – VIS

BÁRBARA GOMES DE LIMA MOREIRA

Sonhos Uterinos

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Cinara Barbosa de Sousa – VIS/UnB
Presidente da Banca e Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Teresa Cristina Jardim de Santa Cruz Oliveira – VIS/UnB
Membro interno

Prof^ª. Dr^ª. Juliana de Freitas Dias
Membro externo

“Tudo o que aqui escrevo é forjado no meu silêncio e na minha penumbra. Vejo pouco, ouço quase nada. Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita.”

(LISPECTOR, p.16, 2019)

Dedicado aos meus filhos
que me apresentaram o caminho
de sentir e expressar.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a tantas mulheres que me ensinam, me apoiam e me mostram, diariamente, ser possível criar um mundo novo, juntas. Às ancestrais que abriram caminhos, às mães que geraram e cuidaram, às pioneiras que transgrediram as regras, às professoras e mestras que despertam um novo olhar. Vocês todas são inspiração contínua para superar desafios e me emociona perceber toda a força que temos juntas.

Agradeço à minha mãe, a mulher que me deu a vida, pelo amor incondicional e ao meu pai, estrutura e apoio sempre disponíveis.

Agradeço ao meu parceiro, Luiz, pelo amor, pelo apoio ilimitado com nossos filhos e pelo impulso contínuo para que eu me realize e mude o mundo.

Agradeço aos meus filhos, por despertarem em mim o amor, o olhar sensível, o cuidado e a empatia e serem meu motor de transformação contínua para melhor.

Agradeço pela sensibilidade, presença e amor de tantos amigos e amigas, com quem co-crio a vida, especialmente aos que estiveram próximos a mim ao longo deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a obra *Sonhos Uterinos*, desenvolvida como uma proposição visual acerca da capacidade onírica e poética da imagem do útero. O trabalho é construído em uma relação com os símbolos do inconsciente, o corpo e a pintura. A pesquisa seleciona a contribuição de mulheres artistas e aborda concepções do expressionismo abstrato e instalação para abordar cosmologias internas e femininas.

Palavras-chave: Arte feminista, artistas mulheres, cosmologias, pintura, útero

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Instalação Violência Sutil - 2018	17
Figura 2 – Instalação Violência Sutil - 2018 - Mostra no V SILEP	18
Figura 3 – Instalação Violência Sutil - 2018 - Coleta de novas frases	18
Figura 4 – Série Luto Materno (entre o que é possível sentir) - 2019	17
Figura 5 – Imagem 5: Série Luto Materno (detalhes)	19
Figura 6 – Pintura feita pelo método da Pintura Espontânea I.am.I	20
Figura 7 – Suave Potência, 2020	22
Figura 8 – Mãe, 2020	23
Figura 9 – Obra “Migração” na Exposição “Matriz”, de Clarice Gonçalves	24
Figura 10 – Obra “Migração” na Exposição “ObraBarro”, em 2023	24
Figura 11 – Visão da exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022	25
Figura 12 – Visão da exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022	25
Figura 13 – Visita guiada na exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022	26
Figura 14 – Visitante na exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022	26
Figura 15 – Escorrimento interno I, 2022 (detalhe)	28
Figura 16 – Escorrimento interno I, 2022	28
Figura 17 – Corpo, 2022	29
Figura 18 – Serpentário, 2022	30
Figura 19 – Serpentário, 2022 (processo e detalhe)	30
Figura 20 – Cosmicália, 2022	31
Figura 21 – Cosmicália, 2022 (processo)	31
Figura 22 – Cosmicália, 2022 (detalhes)	32
Figura 23 – Instalação Ventres Livres, 2022	33
Figura 24 – Instalação Ventres Livres, 2022	33
Figura 25 – Sonhos Uterinos - planejamento	34
Figura 26 – Instalação Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto, UnB	36
Figura 27 – Cecília Vicunha - Detalhe de mtChondrial Eve, 2008	39
Figura 28 – Judy Chicago - The Dinner Party, 1979	40
Figura 29 – Exposição “Hellen Frankenthaler - Sea Change: a Decade of Paintings, 1974-1983	41
Figura 30 – Janet Sobel - Milky Way, 1945	41

Figura 31 – Pintura do painel central - Útero	42
Figura 32 – Luas, montagem na Galeria Espaço Piloto, 2023	43
Figura 33 – Grupo IV, As Dez Maiores, de Hilma af Klint, em exposição no Guggenheim Museum, 2018	48
Figura 34 – Instalação Sonhos Uterinos na Galeria Espaço Piloto, 2023	49
Figura 35 – Painel central - Útero, 2023	50
Figura 36 – Primeira lua - Fenda, 2023	51
Figura 37 – Segunda lua - Energia, 2023	52
Figura 38 – Terceira lua - Enraizamento, 2023	54
Figura 39 – Quarta lua - Horizontes, 2023	55
Figura 40 – Quinta lua - Semente, 2023	56
Figura 41 – Sexta lua - Conexão, 2023	58
Figura 42 – Sétima lua - Nascimento, 2023	59
Figura 43 – Oitava lua - Força, 2023	60
Figura 44 – Nona lua - Caos, 2023	61
Figura 45 – Décima lua - Benção, 2023	62
Figura 46 – Décima primeira lua - Reverberação, 2023	63
Figura 47 – Décima segunda lua - Terra, 2023	64
Figura 48 – Décima terceira lua - Encontro, 2023	65
Figura 49 – Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto/ UnB/ Brasília	70
Figura 50 – Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto/ UnB/ Brasília	70
Figura 51 – QR Code para acesso ao livro Sonhos Uterinos	71
Figura 52 – Capa do Livro Sonhos Uterinos, 2023	72
Figura 53 – Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da obra	73
Figura 54 – Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da autora	74
Figura 55 – Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da autora	75
Figura 56 – Livro Sonhos Uterinos - Página final	76

SUMÁRIO

Introdução	15
1. Tessituras - Memorial da artista	17
2. A instalação e os símbolos	36
2.1 Útero - Corpo orgânico	42
2.2 Pintura e inconsciente	46
3. Sonhos Uterinos	49
3.1 Útero	50
3.2 As luas	51
3.2.1 Primeira Lua - Fenda	51
3.2.2 Segunda Lua - Energia	52
3.2.3 Terceira lua - Enraizamento	54
3.2.4 Quarta lua - Horizontes	55
3.2.5 Quinta Lua - Semente	56
3.2.6 Sexta lua - Conexão	58
3.2.7 Sétima lua - Nascimento	59
3.2.8 Oitava Lua - Força	60
3.2.9 Nona lua - Caos	61
3.2.10 Décima lua - Benção	62
3.2.11 Décima primeira lua - Reverberação	63
3.2.12 Décima segunda lua - Terra	64
3.2.13 Décima terceira lua - Encontro	65
4. Próximos passos e considerações finais	66
5. Referências	67
ANEXOS	70
1. Obra no espaço expositivo	70
2. QR Code para acesso à publicação Sonhos Uterinos	71
3. Livro Sonhos Uterinos	72

Introdução

O presente trabalho apresenta minha pesquisa de diplomação para obtenção do Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, realizado entre os meses de março a julho de 2023 com orientação da Professora Dra Cinara Barbosa, na Universidade de Brasília.

A poética que resulta na obra *Sonhos Uterinos* percorre as temáticas sobre corpo feminino, maternidade, inconsciente e natureza, que pesquiso desde 2018. Inspiro meu discurso nas artistas que ousam falar do ponto de vista da mulher na arte, sendo, também, questões relativas a esta existência: quais as relações com o corpo que percebem e traduzem, na arte, no mundo? Como é essa relação com a natureza externa? Como percebê-la e vivê-la?

Sabe-se que é crescente a temática envolvendo questões do feminino, de caráter feminista e relativas ao corpo da mulher, também expressas nas relações de poder mantidas por estruturas patriarcais, a fim de romper com uma invisibilidade dos temas legitimamente importantes em questão na arte e no mundo. Busca-se chegar a isso por um caminho individual que afirma a defesa de narrativas e de modos de escrita que aludem ao corpo, às inspirações e aos teores do sensível, acreditando que processos individuais de exploração do conhecimento pessoal colaboram coletivamente para a problematização das questões do coletivo. Desta maneira, parto do princípio que se faz necessário defender narrativas e modos de escrita afirmativas que aludem à temáticas referentes ao corpo, ao autoconhecimento, às inspirações, aos teores do sensível entre outros.

Com o propósito, então, de referenciar uma auto investigação aliada a outras artistas mulheres, evidencio minha inspiração na palavra **útero** e direciono minhas escavações em busca da ideia de visceralidade na pintura. Investigo técnicas, processos intuitivos de criação e materialidade pictórica para compor com o tema central. A obra é produzida entre fluidos e escorrimentos. Ancorada neste mergulho visceral, relaciono sonhos e imagens vindas do inconsciente, em uma tessitura simbólica que se estende pelas 13 lunações que acompanham um útero que sangra a cada 28 dias ao longo de um ano.

Na instalação *Sonhos Uterinos*, evoco os ciclos de uma mulher com útero e o órgão que, um dia, todos habitamos, como fonte potencial de uma relação com uma

cosmologia interna e com um cosmos que, através das lunações, percorre os mesmos ciclos que a mulher.

Para unir os ciclos do cosmos com os ciclos do corpo e do inconsciente, nesta polaridade de externo e interno, produzo estimulada pelo mergulho no trabalho de outras artistas dentro e fora da pintura abstrata e expressiva. Dentro do mistério do cosmos uterino, com cores que evocam o corpo sanguíneo e gestos que expressam a visceralidade, trabalho com expressões fluidas, líquidas e expressivas das tintas, em contraponto ao processo de determinação dos espaços com o giz pastel oleoso.

Ao espectador, fica o convite de deixar-se estimular pela força das pulsões expressas e dos símbolos pintados, que refletem uma cosmologia interna e subjetiva de uma mulher. Esperando que esse trabalho abra caminhos para que também outras mulheres se apossam de uma poética simbólica, autoconsciente da corporeidade e intimista em sua própria magia.

1. Tessituras - Memorial da artista

“Uma obra de arte consta de dois elementos, o interior e o exterior. O interior é a emoção na alma do artista. Essa emoção tem a capacidade de gerar uma emoção análoga no observador. [...] O elemento interior determina a forma da obra de arte” (READ, Hebert, 1964, p.171).

Sou designer formada na Universidade de Brasília e me tornei Consultora em Amamentação e Doula Pós-parto após o nascimento do meu primeiro filho, Miguel. Estimulada pelo encontro com outras mulheres e histórias, antes mesmo de adentrar a graduação em Artes Visuais começo a fazer arte, em um desejo de trazer para o mundo o que encontrava no meu trabalho de apoiar outras mulheres. Na tessitura de vida com outras mulheres, uso como recursos a pintura, a instalação e a escultura e, como matéria-prima, frases e relatos coletados das mulheres que acompanhava como Consultora para criar meus trabalhos artísticos. São vivências pessoais que também são coletivas, espelhadas na arte. Crio trabalhos que reúnem e entrelaçam os relatos, propondo, em coletas, a continuação dos trabalhos.



Figura 1: Instalação Violência Sutil - 2018 - Colcha de retalhos com 52 frases alfinetadas
Primeira apresentação da obra no V Simpósio de Leitores e Produtores de Textos (SILEP/UnB) no âmbito das atividades do GECRIA - Grupo de Pesquisa e Educação Crítica e Autoria Criativa (CNPq/UnB), a convite da professora Juliana Dias, em 2019.
Fonte: arquivo da autora - Fotografia de Mariana Cardoso

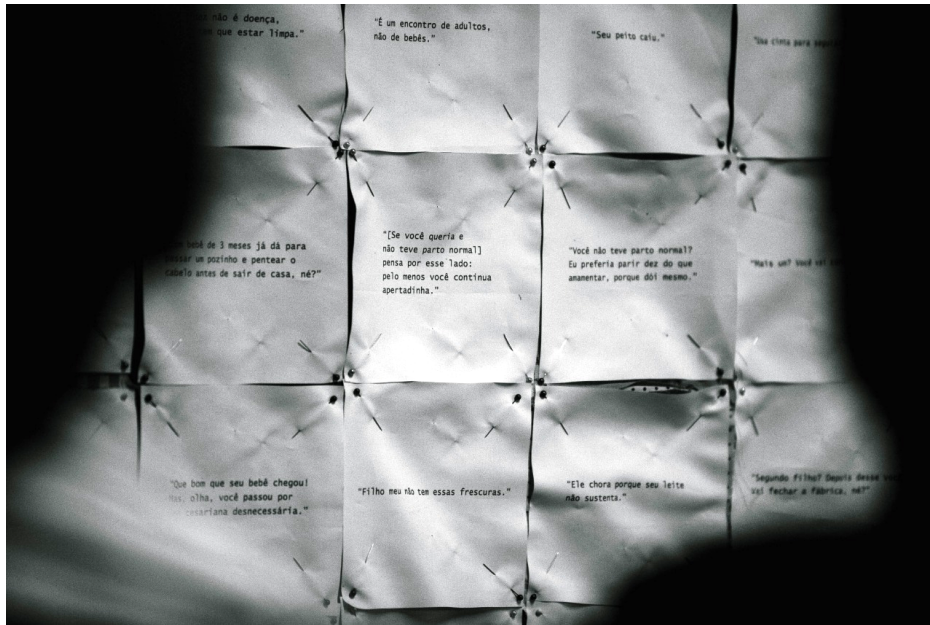


Figura 2: Instalação Violência Sutil - 2018 - Mostra no V SILEP
 Fonte: arquivo da autora - Fotografia de Mariana Cardoso

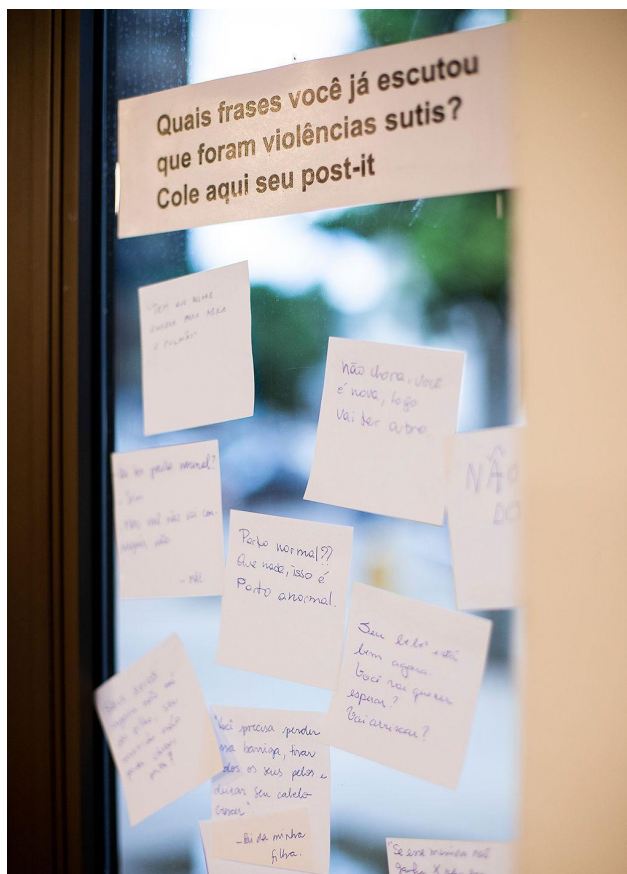


Figura 3: Instalação Violência Sutil - 2018 - Coleta de novas frases
 Mostra na exposição "A Mulher por Trás da Mãe" - SESC Presidente Dutra, Brasília/DF, 2022
 Fonte: arquivo da autora - Fotografia de Juliana Caribé

Exploro, também, a pintura no campo ampliado e a abstração. O tradicional não abarca o que é necessário para a comunicação das emoções, das perspectivas e das memórias na vivência da maternidade e na conformação de uma nova identidade, não mais de mulher, mas de mãe.

“Não se pode negar a existência das dores. Não proponho remédios ou desculpas. Simplesmente quero olhar para elas e falar sobre elas. (...). O tema da dor é o meu campo de trabalho. Para dar significado e forma à frustração e ao sofrimento. O que acontece com o meu corpo tem de receber uma forma abstrata formal. (...) Para mim a escultura é o corpo. Meu corpo é minha escultura. (BOURGEOIS, 2000, s/p)



Figura 4: Série Luto Materno (entre o que é possível sentir) - 2019 - Montagem na exposição “A Mulher por Trás da Mãe” no SESC Presidente Dutra em Brasília/DF, 2022
Tinta PVA preta, cabelos, peças de quebra-cabeça, lenços umedecidos, sapatinho e telas
Dimensões variadas

Fonte: arquivo da autora - Fotografia de Juliana Caribé

O conceito de campo expandido ou ampliado vem da crítica e historiadora de arte americana Rosalind Krauss para pensar a ampliação das práticas na categoria

de escultura, onde tinham sido “moldadas, esticadas e torcidas, numa demonstração extraordinária de elasticidade, evidenciando como o significado de um termo cultural pode ser ampliado a ponto de incluir quase tudo” (KRAUS, 1984, p. 129). A partir disso, essa expressão começa a ser utilizada sobretudo em artes da performance ou performativas, assim como na pintura.



Figura 5: Série Luto Materno (detalhes)
Fonte: arquivo da autora - Fotografias de Juliana Caribé

Começo a perceber e a me conectar a conteúdos inconscientes que se mostravam pelos sonhos, pinturas ou escritas automáticas. Estimulada pela criação e o estudo das imagens como recurso de conhecimento da minha cosmologia, pelo método da Pintura Espontânea, criada pela PhD. Susan Bello, arteterapeuta norte americana, entro em íntimo contato com meu universo interno pelas pinturas. A pintura começa a tangenciar meus sentimentos, minha intuição, minha sexualidade, em um significado de transcendência, em íntimo contato com os símbolos que surgem nesta expressão não-programada.



Figura 6: Pintura feita pelo método da Pintura Espontânea I.am.I
Fonte: arquivo da autora

A partir de 2020 começo a explorar a pintura abstrata com as tintas líquidas, onde alio a intuição ao campo da expressão, com gestos e movimento, com tintas adicionadas de água, que se misturam, se acumulam e escorrem. Escolho as cores e aceito que não haverá regularidade de formas, respeitando o desejo da tinta, que, demasiadamente líquida, não pode ser controlada. As tintas sobre o suporte formam poças, caminhos e conjuntos não planejados, apresentando um resultado muitas vezes diverso do processo. Kandinsky me inspira quando diz: “Na arte, tudo é questão de intuição, especialmente os começos. O artisticamente verdadeiro só se alcança através da intuição, especialmente ao se iniciar um caminho” (KANDINSKY, 1977).



Figura 7: Suave Potência, 2020
Tinta acrílica e PVA sobre tela - 168 x 95cm
Fonte: arquivo da autora.

Há também, neste tipo de pintura, o espaço da catarse, onde o espaço pictórico reflete uma pintura de processo, onde se imprime ali a energia do gesto e do corpo. Como Pollock:

‘[...] quero expressar meus sentimentos na pintura em vez de ilustrá-los. A técnica é só um meio para chegar a essa afirmação. Quando pinto, tenho uma noção geral de onde estou. Eu posso controlar o fluxo da tinta. Não existe acidente. Não tem começo, nem fim. (...) não tenho medo de mudanças, de destruir a imagem, porque a tinta tem vida própria, e tem que deixá-la viver.’ (POLLOCK, 1950, in. NAMUTH, Hans. Jackson Pollock 1951)



Figura 8: Mãe, 2020
Tinta acrílica e PVA sobre tela - 168 x 87cm
Fonte: arquivo da autora.

Durante minha trajetória, desenvolvo representações que fazem um diálogo com os temas que me afetam: corpo, maternidade, feminino, natureza. Com isso, busco aproximar a representação interior e do inconsciente com os símbolos do coletivo. Esperando, desta forma, que uma cosmologia interna das minhas narrativas afete e possibilite a expressão de outras vozes.

Uma relevante oportunidade de mostrar esses trabalhos foi na exposição “Matriz” de Clarice Gonçalves, em 2019. A exposição individual da artista trazia seus trabalhos sobre a invisibilização da maternidade e contou com uma mostra de outras dez artistas selecionadas por edital, que deu origem, posteriormente, ao Coletivo Matriz. Nessa mostra desenvolvi e apresentei a obra “Migração”, uma instalação em argila crua sobre o corpo feminino, desenvolvida de maneira bastante intuitiva. Em 2023 esta obra está em exposição no Museu das Bandeiras, na Cidade de Goiás, na mostra coletiva Obrabarro, em uma composição que integra também a natureza, no terraço do Museu.



Figura 9: Obra “Migração” na Exposição “Matriz”, de Clarice Gonçalves, em 2019
Fonte: www.instagram.com/expomatriz



Figura 10: Obra “Migração” na Exposição “ObraBarro”, em 2023 - Curadoria: Cris Cabus e Suyan de Mattos.
Fonte: www.instagram.com/koletivos_avulsos

A exposição individual que realizei em 2022, “A Mulher por Trás da Mãe”, no SESC Presidente Dutra em Brasília, DF, foi um momento de perceber que a minha

poética dialoga intimamente com muitas outras pessoas, que se sentem atravessadas pelas experiências de maternidade e de corpo feminino.



Figura 11: Visão da exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022
Fonte: arquivo da autora - fotografia: Ana Karla Veloso

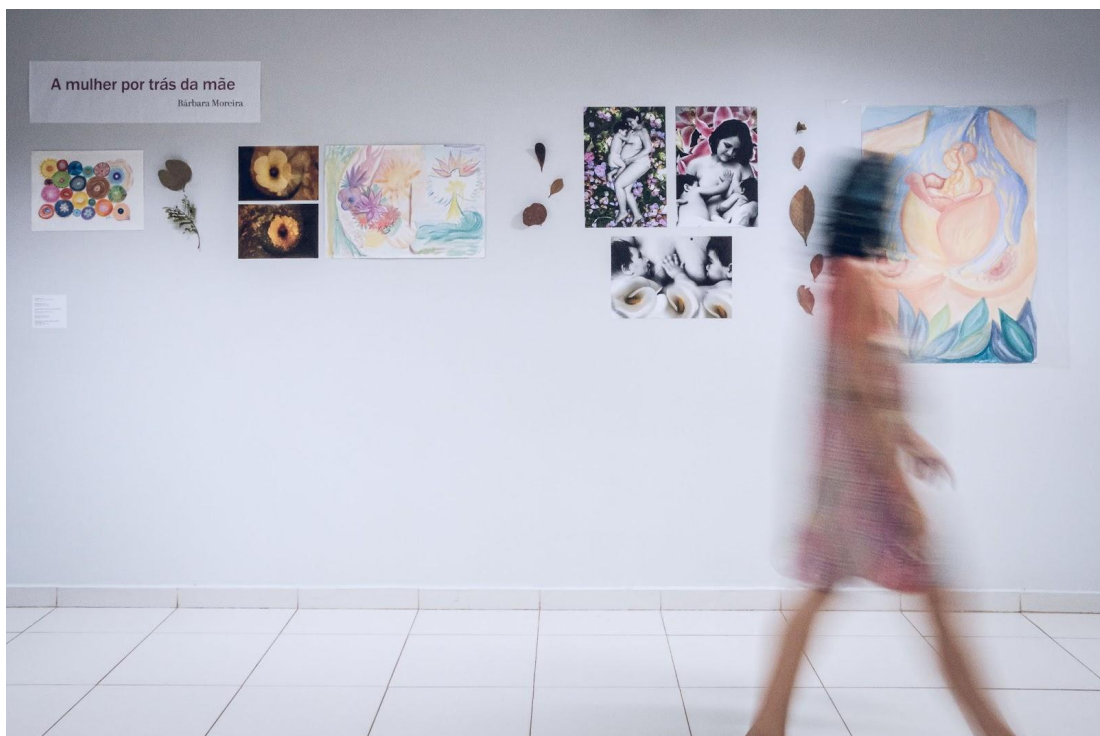


Figura 12: Visão da exposição “A Mulher por Trás da Mãe”, 2022
Fonte: arquivo da autora - fotografia: Ana Karla Veloso

Foram muitos retornos de visitantes que preencheram o livro de visitas virtual, das quais destaco alguns que registram a importância desta temática para uma nova consciência sobre os processos desafiadores enfrentados com a maternidade:

“A exposição retrata bem como a mulher é tratada durante e após a gravidez, como ela é julgada de forma tão cruel e de maneira tão desnecessária, mas fora a exposição mostra bem o autoconhecimento que a mulher enfrenta durante esse processo.”

“Passou um filme do que já vivi eu minha esposa quando as crianças nasceram. Só agora me dei conta de quanto eu poderia ter ajudado mais.”

“Gostei bastante, me trouxe um outro ponto de vista sobre o tema, nunca havia parado para pensar sobre o universo que é ser mãe e tudo o que o complementa.”

“Me fez entender melhor os sentimentos das mulheres, entender como as palavras que eu digo machucam, me ajudou a entender não só as belezas do processo da vida, mas também a dor e descobrimento ao longo dela.”

“A exposição retrata bem como a mulher é tratada durante e após a gravidez, como ela é julgada de forma tão cruel e de maneira tão desnecessária, mas fora a exposição mostra bem o autoconhecimento que a mulher enfrenta durante esse processo.”

“Muito bom saber mais sobre, pois eu mesmo não sabia dessas coisas e essas violências”

A exposição possibilitou perceber também a importância da exploração de processos intuitivos, por permitirem gerar recursos para compreender simbolicamente meu trabalho e espelhar e comunicar conteúdos que são, também, relevantes para outras mulheres. Como nas lições de Fayga Ostrower:

“Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem, como será visto mais adiante, toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos. As diversas opções e decisões que surgem no trabalho e determinam a configuração em vias de ser criada, não se reduzem a operações dirigidas pelo conhecimento consciente. Intuitivos, esses processos se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. (p.10, 2014)

Após as mostras prossigo no desenvolvimento de uma linguagem pictórica abstrata que traga, de maneira fluida e intuitiva, essa cosmologia. Na série “Escorrimento Interno”, exercito deliberação e ocasionalidade, deixo que alguns corpos escorram, enquanto arrasto algumas partes com espátulas largas. Os escorrimentos evidenciam a relação entre a tinta e a gravidade, onde os líquidos e

os fluidos se encontram, se entrelaçam, se sobrepõem. As camadas dialogam com as interferências em cada aplicação das tintas e me apresentam um novo caminho.

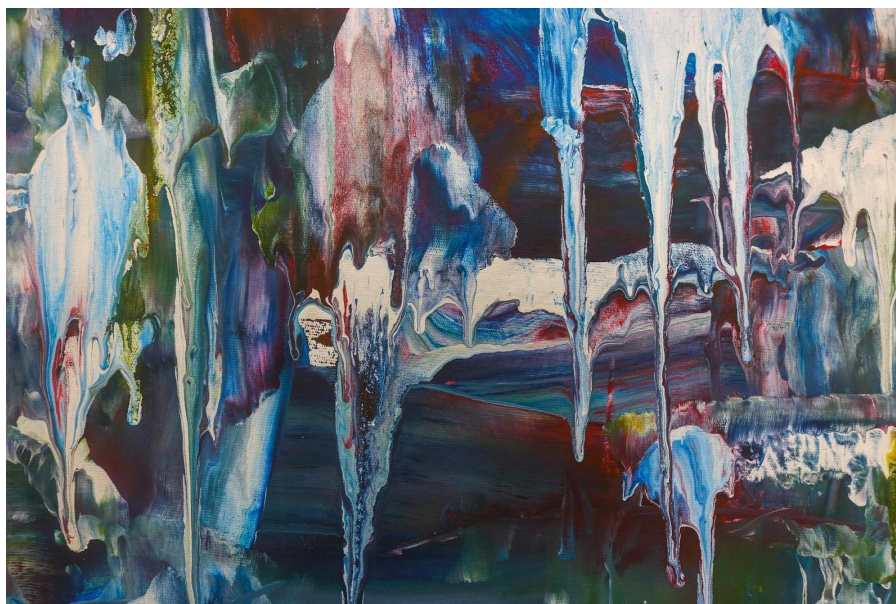


Figura 15: Escorrimento interno I, 2022 (detalhe)
Fonte: arquivo da autora.

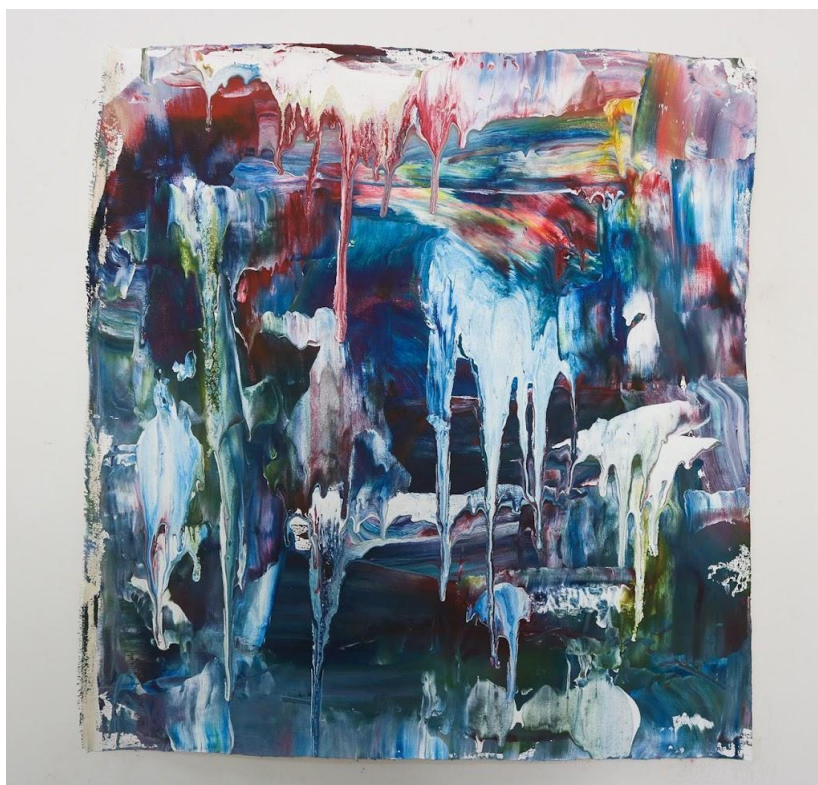


Figura 16: Escorrimento interno I, 2022
Tinta PVA e pigmento Xadrez sobre lona 47 cm x 51 cm
Fonte: arquivo da autora.

Prossigo nas experimentações no campo da abstração, busco mais materialidade no suporte. Ainda referenciando as camadas, encontro o feltro, um material denso composto pelo aglomerado de muitas camadas de fios. Esse material, em preto e em vermelho visceral, me chama, imediatamente, para explorar a pintura, a permeabilidade, a natureza fluida em diálogo com o que é estruturado, sintético e, por seu caráter industrial, estéril em significados. Na ideia de trazer corpo ao que é informe, me lanço em experimentos nestes suportes não tradicionais na pintura.

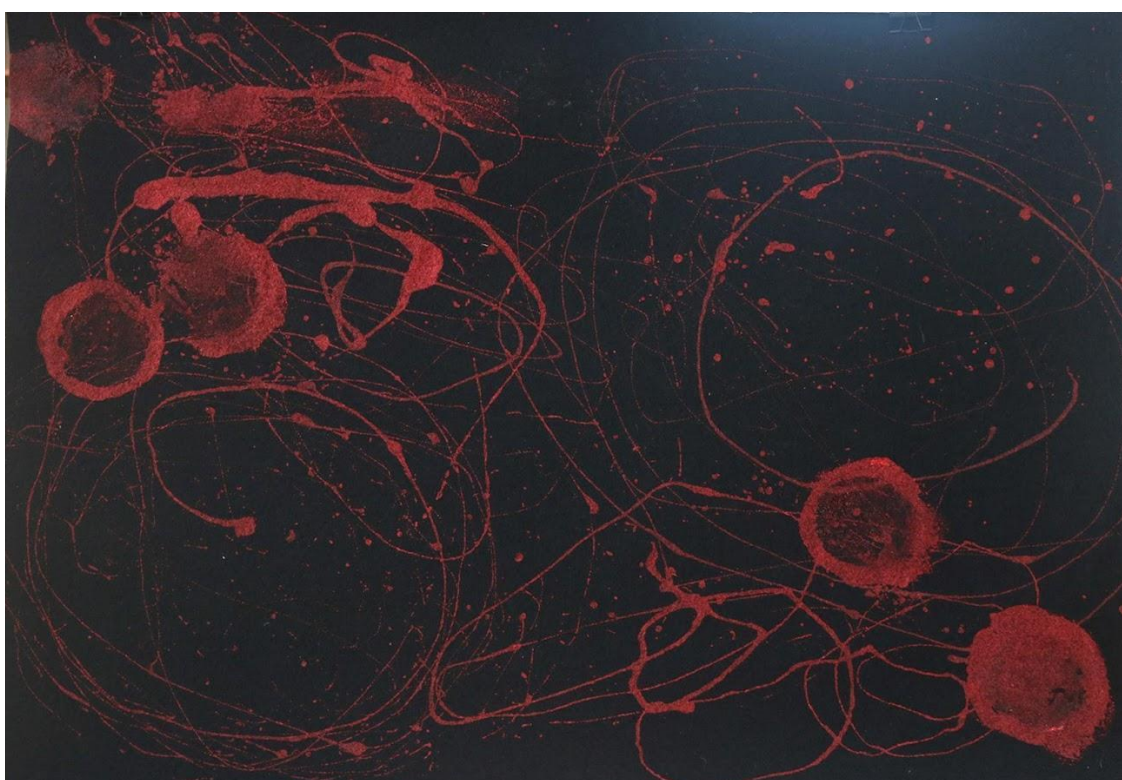


Figura 17: Corpo, 2022
Esmalte sintético sobre feltro 114 cm x 85 cm
Fonte: arquivo da autora.



Figura 18: Serpentário, 2022
Esmalte sintético e tinta PVA sobre feltro 100 cm x 100 cm
Fonte: arquivo da autora.



Figura 19: Serpentário, 2022 (processo e detalhe)
Fonte: arquivo da autora.

Ao experimentar a pintura sobre o feltro vermelho, observo o caráter sensual e tátil dos fluidos representados pelas tintas, e começo a observar a presença dessa temática nos meus trabalhos.

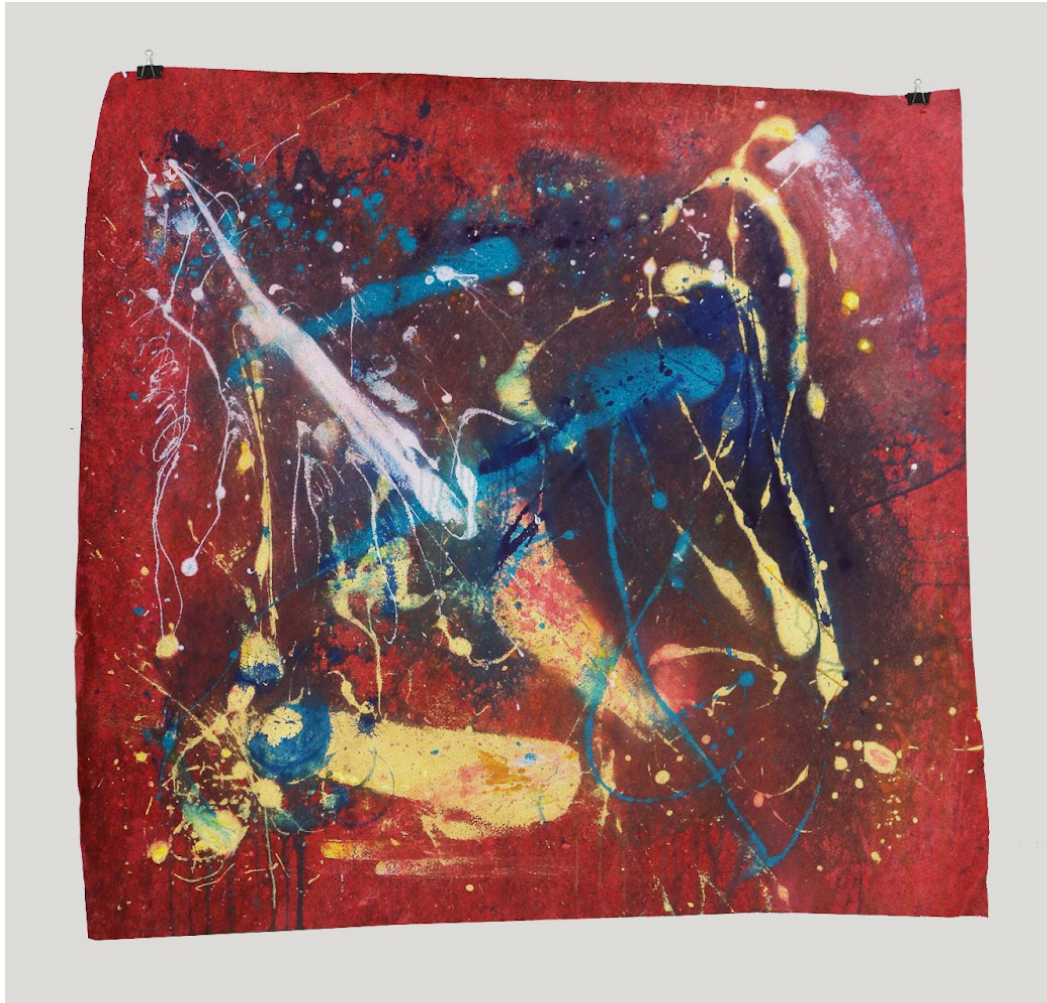


Figura 20: Cosmicália, 2022
Esmalte sintético e tinta PVA sobre feltro 130 cm x 120 cm
Fonte: arquivo da autora.

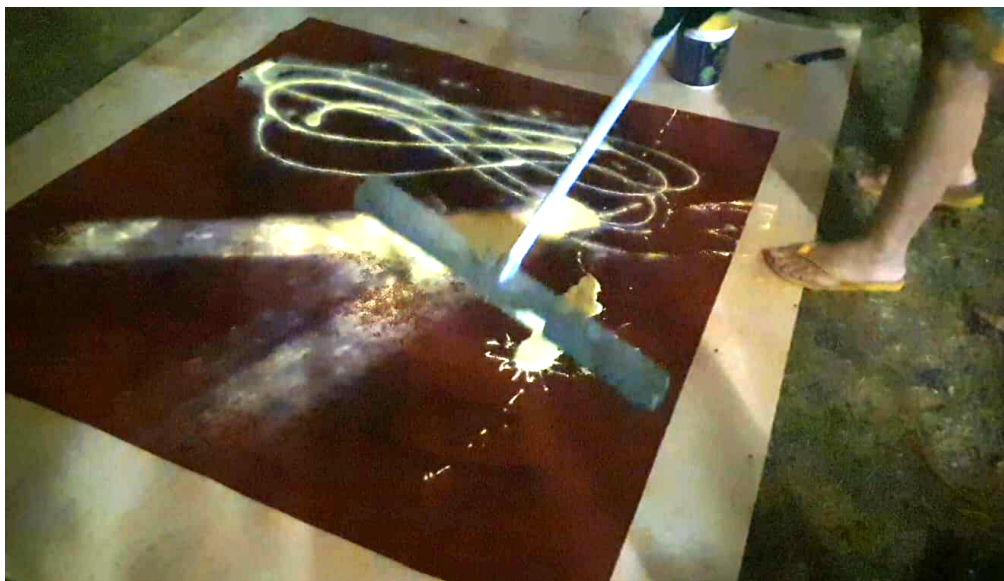


Figura 21: Cosmicália, 2022 (processo)
Fonte: arquivo da autora.

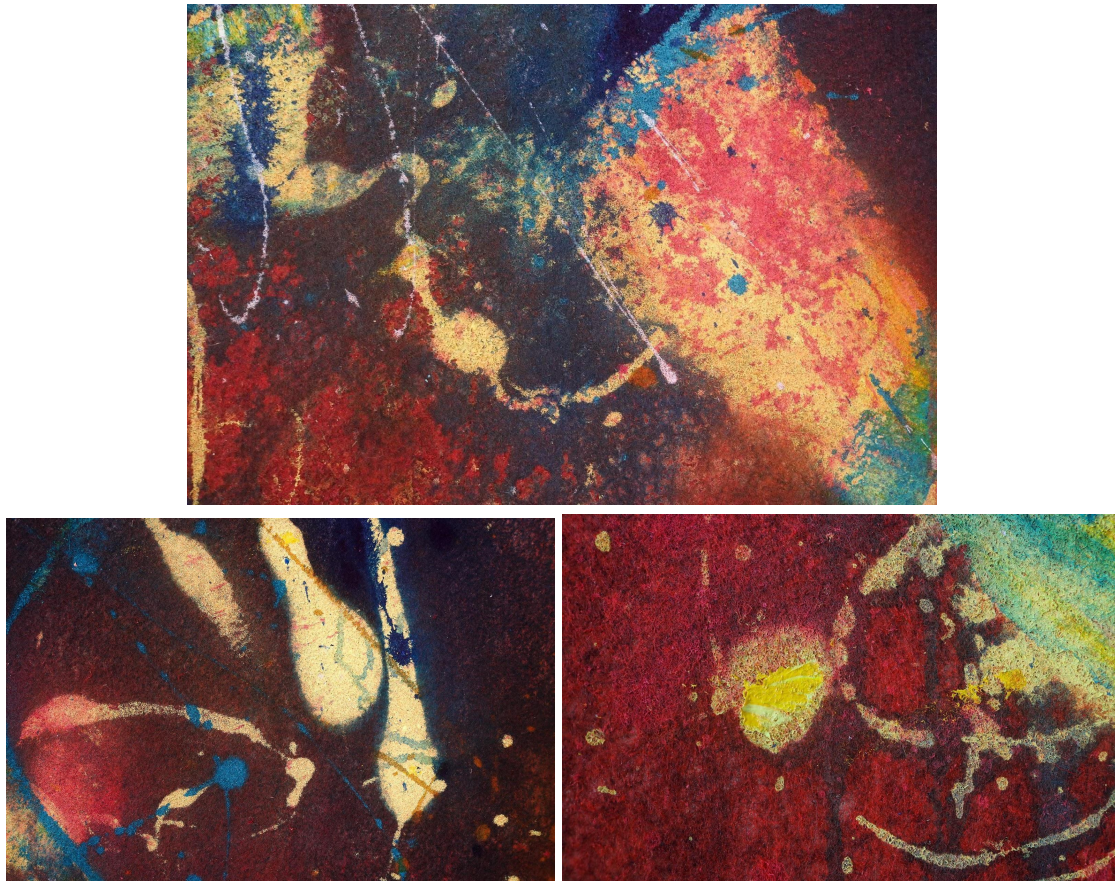


Figura 22: Cosmicália, 2022 (detalhes)
Fonte: arquivo da autora.

Em 2022, convidada para compor a instalação “Ventres Livres”, coordenada pela Professora Juliana Dias, percebo a conexão das minhas pinturas com os fluidos do corpo feminino, com os escorrimentos, vísceras e líquidos. Percebo, também, o caráter ritualístico de cada uma de minhas pinturas, que não eram apenas expressivas, mas carregam, para mim, um potencial de manifestação de um espiritual, cósmico, em algo concreto e material.

Na instalação que montamos coletivamente, foram realizadas vivências-rituais que convidavam o público a olhar, reverenciar e curar simbolicamente seus úteros no poder curativo da Orixá Oxum e a energia das águas. Essas performances foram conduzidas pela terapeuta Mariana Lelis, que trabalha com círculos de mulheres. Desde então, busquei entender o diálogo desse órgão com o externo, para além dos seus fluxos em sangrias e escorrimentos.



Figura 23: Instalação Ventres Livres, 2022
Fonte: arquivo da autora.

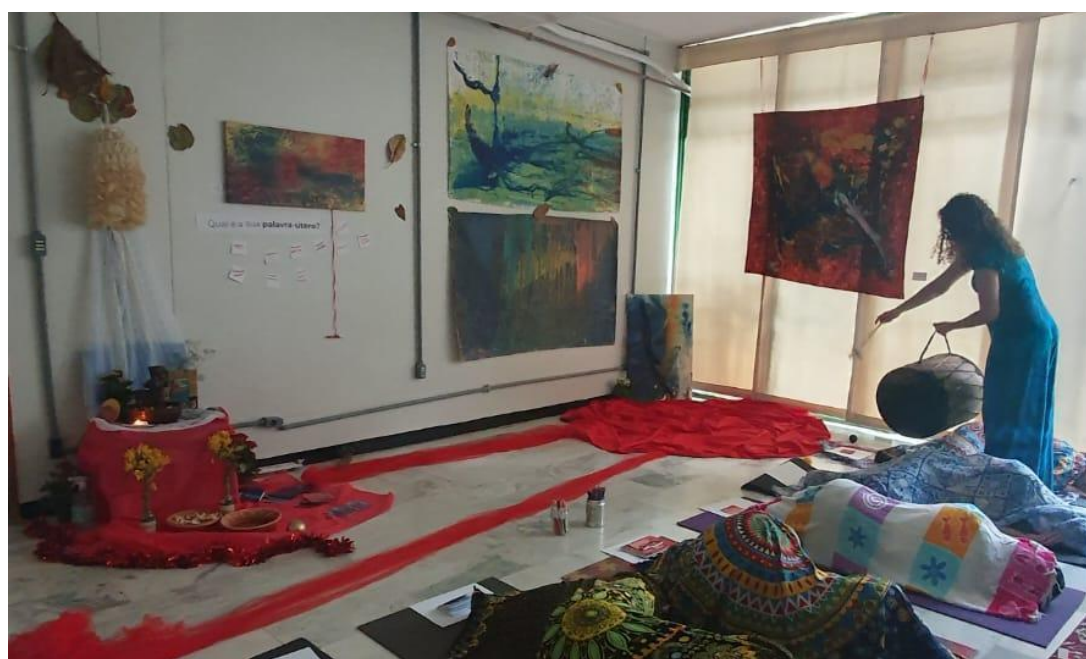


Figura 24: Instalação Ventres Livres, 2022
Performance com o público com a terapeuta Mariana Lelis
Fonte: arquivo da autora.

Ao pesquisar sobre os ciclos menstruais e as luas, cheguei ao calendário Maia, que propõe que a organização do ano se dê pelos ciclos lunares, que são um total de 13, ao longo de um ano. Dividindo o período de 365 dias por 28 dias, que é

a média de ciclos menstruais que uma mulher vivencia ao longo de um ano, teremos 13 ciclos.

Começo a me interessar pela lua, corpo cósmico que orienta a humanidade ao longo de séculos na agricultura e no passar do tempo, e a pesquisar sua relação na orientação das mulheres, como uma guia para rituais, simbólica de fertilidade e proteção.

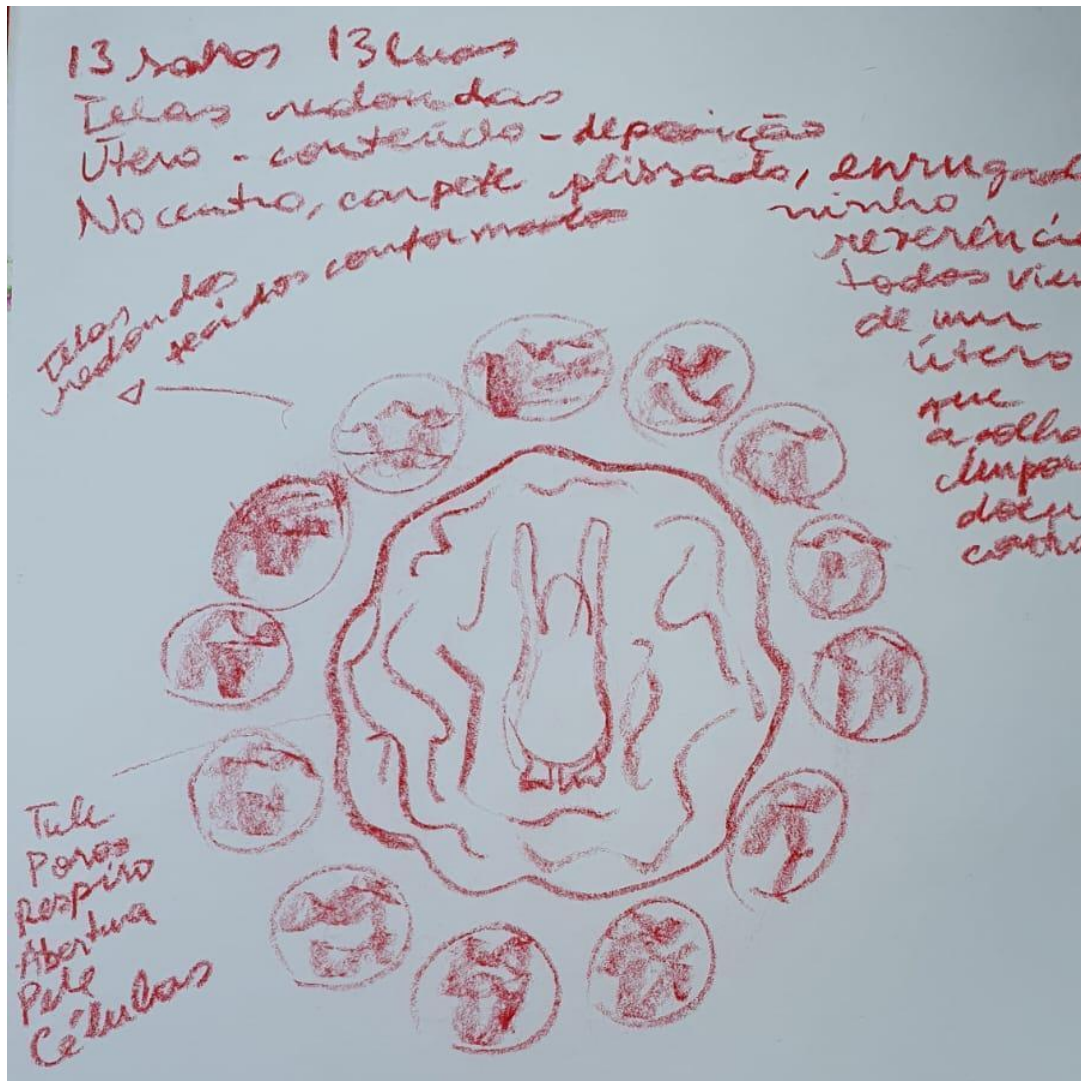


Figura 25: Sonhos Uterinos - planejamento
Fonte: arquivo da autora.

Penso, então, em unir esses símbolos de útero e luas: na pintura no feltro, suporte que instrumentalizo como representação do corpo visceral que acolhe fluidos, permeada pelas tintas líquidas que simbolizam as águas das emoções, e nas luas que orbitam em ciclos ao redor deste corpo, contendo mensagens, símbolos, sonhos e ritualizações.

Parto da compreensão de que sonhos e imagens têm uma profunda conexão com o útero, de forma simbólica. Simbólico por carregar muitos significados: além de ser um criatório literal de vida, no sentido de ser um centro energético é onde gesto ideias. É o lugar de receber também as emoções e encargos da vida que ficam sem resposta, que são sangrados a cada ciclo. Os sonhos e as imagens carregam, em si, um potencial de manifestar o sutil na matéria, e a pintura é a tradução dessa linguagem ritualística de manifestação.

O esboço define o caminho ritualístico deste trabalho: adentrar sonhos, ritualizações e processos que serão entregues e recebidos pelas 13 luas que orbitam ao redor deste útero simbólico, corpo visceral, no qual derramo as pulsões, emoções, gozos e desejos, em tintas e líquidos, materializando a manifestação do inconsciente.

2. A instalação e os símbolos



Figura 26: Instalação Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto, UnB
Fonte: arquivo da autora.

Sonhos Uterinos se apresenta como uma instalação pictórica em uma perspectiva de registrar o mundo onírico da mulher em sua relação com o corpo e com a sua expressão simbólica.

A obra estabelece um diálogo entre a sensibilidade e a cosmologia internas e o externo visceral, traduzindo o sutil mistério do simbólico, da imaginação e dos sonhos em fluidos e pulsões libertos sobre o painel central. A abstração configura aí uma possibilidade de representação dos processos intuitivos e viscerais porque o “abstrato transmite o significado essencial ao longo de uma trajetória que vai do consciente ao inconsciente, da experiência da substância no campo sensorio diretamente ao sistema nervoso, do Tato à percepção” (DONDIS, P. 102, 1997).

Os vestígios oníricos que resultam no vigoroso painel central são apresentados por 13 telas redondas, estimuladas por sonhos e sensações, representando 13 ciclos lunares que acontecem em um ano de 365 dias, trazidos de forma concreta em mandalas feitas com linhas e traços desenhados em giz pastel oleoso. Estas telas, denominadas luas, também configuram abstrações que beiram o figurativo. Nelas, ocorre uma síntese da forma, já que “o processo de abstração é também um processo de destilação, ou seja, de redução dos fatores visuais múltiplos aos traços mais essenciais e característicos daquilo que está sendo representado”. (DONDIS, P. 102, 91). Nas expressões abstratas, a instalação conecta corpo e inconsciente pelas expressões simbólicas do útero e das luas, reunindo, assim, expressões diversas deste potencial simbólico e imaginal da mulher.

Parto do princípio que existe uma força criativa que parte do útero. O primeiro local de conformação física de todo ser humano é também o lugar que nos liga a todos. A origem, a criação, o círculo de potência de vida que vive em um órgão humano. Uma força profundamente misteriosa. Recebe, acomoda e contrai para esvaziar líquidos todos os meses e expande até a capacidade de 4 litros em uma gestação. É um órgão diretamente ligado com a vida e com a água. As luas, por sua vez, são regentes das marés e dos oceanos, conformando, por seu magnetismo, as ondas. Através dos fluidos, existe um diálogo entre as luas e o útero.

Simbolicamente, este útero recebe também as emoções, as pulsões, os desejos e os sonhos que vêm de fora. No encontro de todo o potencial de geração de vida, é ali que as ideias são gestadas para chegarem concretamente ao mundo.

Todo útero cicla. O ciclo menstrual vai variar para cada pessoa, mas pode ter um tempo médio de 28 dias. Neste período o útero alterna entre um período de formação da camada endometrial, que vai revestir as paredes do útero, um período de descamação desta camada, que é a menstruação, caso não aconteça uma gestação, e um período de espera pelo novo crescimento de nova camada endometrial. O útero pode realizar, assim, um ciclo que tem a mesma duração dos ciclos lunares, em sua alternância entre lua nova, lua crescente, lua cheia e lua minguante e é possível que uma pessoa menstrue sempre em alinhamento com a mesma fase da lua.

Por representarem a conexão com as marés e as águas, as luas representam, simbolicamente, o contato com o mundo emocional. No caso do útero, representam a percepção emocional e sensitiva primárias que já foram vivenciadas por todo ser humano, já que somos gestados em uma bolsa de águas. Igualmente, pelas pessoas com útero, na relação próxima que o útero possui de encher de sangue e esvaziar todos os meses.

Na instalação Sonhos Uterinos existe um desejo de expressar esta relação existente entre as luas e o útero, entre o corpo cósmico que movimenta as águas e impacta também as emoções humanas.

O contato com as emoções e a intuição é parte determinante do meu trabalho na criação das luas e do grande painel. A intuição como metodologia se organiza pela criação espontânea das imagens que compõem as luas, após uma conexão meditativa com o corpo e com o útero. Então começo a dar forma à primeira imagem

que se apresenta na minha mente, com a cor que me chama a atenção. Livremente, vou conformando a primeira forma e outras, assim como o fundo da imagem e outras cores que vão chamando a atenção para serem aplicadas ao trabalho.

Sonhos Uterinos é, assim, a instalação-síntese de um processo intuitivo e ritualístico de pinturas em conexão com o corpo e o cosmos. A realização de cada pintura promoveu uma alquimia interna que descortinou potenciais e realizou uma integração de forças. Cada símbolo realizado nas luas é um momento de um percurso da construção deste trabalho, onde a abertura para o desconhecido descortina os aspectos inconscientes que apresentam força, desejo, pulsão orgástica, prazer, caos, transcendência e organização. A jornada de ir pintando cada lua, assim como a pintura do útero, é um avanço de etapas que aconteceu antes da instalação da obra na galeria, configurando, também, etapas de um ritual.

A criação espontânea de imagens se configura, segundo Jung, em um movimento de liberação de símbolos do inconsciente e, segundo a autora Susan Bello (2014), em uma liberação de energia que se manifestará na vida, já que o inconsciente guarda, segundo Jung, nosso potencial essencial.

De forma também ritualística trabalha a artista Cecília Vicunha, poeta e ativista chilena que expressa suas questões com o mundo moderno, a destruição ecológica e os direitos humanos. Ela fala, em seu trabalho, de um mundo sutil que percebe na natureza. Estabelece uma comunicação com ele através de instalações e performances que utilizam materiais orgânicos e tecidos para estabelecer conexões simbólicas e ritualísticas.

Seus trabalhos conhecidos como “*Precarios*” se tornaram rituais coletivos e performances orais baseadas em sons dissonantes e xamanismo que podiam acontecer em muitas linguagens simultaneamente. Assim, utilizando tecelagem, coletas da natureza e a criação do momento presente, ela chega a algo que reflete antigas tecnologias espirituais - um conhecimento do poder da intenção individual e coletiva para curar o mundo e a nós mesmos. Assim, essa artista busca transformar as questões de destruição e de falta de direitos que encontra por sua atuação artística quando realiza um contato com a natureza de forma ritualística em suas performances, propondo uma ampliação de consciência em si e no espectador.



Figura 27: Cecília Vicunha - Detalhe de mtChondrial Eve (Mother of Threads), 2008
Fonte: <http://www.ceciliavicuna.com/performances>

Me inspira também o trabalho de Judy Chicago, artista feminista, arte-educadora e escritora americana, atuante na segunda onda do feminismo com a organização de dois importantes centros de artistas feministas: “Womenhouse” em 1972 e “Oficina de Estudos Feministas” em 1973.

As instalações são, frequentemente, utilizadas nas Artes Visuais para dar múltiplos estímulos sensoriais aos temas das artistas, já que propõem uma imersão do espectador no ambiente. Judy Chicago, mostra a relevância de sua temática na obra “The Dinner Party” (O Banquete), e organiza uma mesa triangular com cada lateral arrumada para 13 mulheres escolhidas na mitologia, história e nas artes, com pratos e jogos de mesa personalizados. Ainda, um chão com ladrilhos triangulares contendo os nomes de 999 mulheres importantes na história do mundo ocidental. A instalação monumental chama a atenção para a relevância das mulheres na história e desafia a história da arte, que historicamente posiciona as mulheres como objetos. A obra foi executada entre 1974 e 1979 e atualmente está em exposição permanente no Elizabeth A. Sackler Center for Feminist Art no Brooklyn Museum of Art, em Nova York.



Figura 28: Judy Chicago - The Dinner Party, 1979

Fonte: <https://www.dannywithlove.com/blog/about-judy-chicagos-the-dinner-party>

Logo, a dimensão que toma a obra *Sonhos Uterinos* segue a proposta de ocupar um espaço amplo com a temática proposta, a fim de capturar a atenção do espectador às partes que compõem a obra, em especial às Luas que compõem o trabalho.

Para o painel do Útero, que segue uma pesquisa presente desde o *Ateliê de Pintura 2*, as inspirações são artistas do expressionismo abstrato norte americano que trazem trabalhos de pintura monumentais e expressivos. O tamanho também escolhido por artistas mulheres para conseguir se apresentar no mundo masculino da pintura.

A artista norte-americana Hellen Frankentaller marca o expressionismo abstrato por apresentar os campos de cor, quando começa a trabalhar com o derramamento de tintas fluidas que ela espalha em telas não preparadas, que absorvem as tintas. Delimitando grandes áreas com as cores, ela demarca largas dimensões de tecido, criando trabalhos monumentais e imersivos.



Figura 29: Exposição "Hellen Frankenthaler - Sea Change: a Decade of Paintings, 1974-1983

Fonte:

<https://gagosian.com/exhibitions/2019/helen-frankenthaler-sea-change-a-decade-of-paintings-1974-1983/>

Também na arte expressiva com tintas fluidas, a artista ucraniana naturalizada norte-americana Janet Sobel, que trabalhou com a técnica *dripping* antes mesmo de Pollock, demonstra uma expressividade com o uso da pintura automática, criando de forma rápida e espontânea suas pinturas.

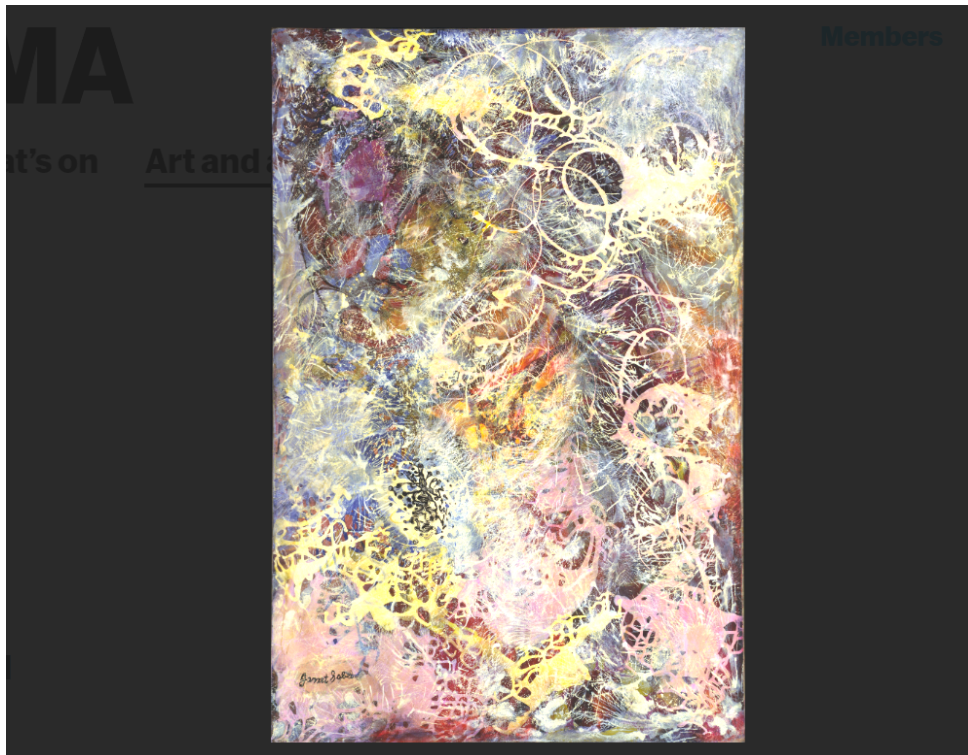


Figura 30: Janet Sobel - Milky Way, 1945

Fonte: https://www.moma.org/collection/works/80636?artist_id=5503&page=1&sov_referrer=artist

2.1 Útero, corpo orgânico



Figura 31: Pintura do painel central - Útero, 2023
Fonte: arquivo da autora.

Em *Sonhos Uterinos*, o painel Útero aproxima-se do campo expandido na pintura, porque ganha volume, dobras, vincos e organicidade. Tais interações com o suporte modificam o volume da peça, expandindo-a para além da parede. Outros tecidos são adicionados à composição, criando texturas e propondo a composição com diferentes materialidades. O painel central é vincado, erguido, tem partes que se sobrepõem e ganha a adição de outros tecidos para compor seu formato orgânico e amorfo. Com volume e marcas pictóricas irregulares, como se não houvesse ali qualquer ordem ou regra, traduz fluidez e visceralidade. Fala do útero e seus fluidos, sonhos, gozos, desejos. Esta pintura foi realizada após a completa realização das mandalas que representam as luas, resultando, assim, em um arremate do processo intuitivo e criativo.

A imagem expressiva e abstrata conseguida nesta pintura traduz a ideia de caos, liberdade e força criativa que se apresentam em camadas. Enquanto as tintas mais líquidas se misturam formando um fundo com cores sombreadas de vermelho, vão se depositando camadas com mais brilho em vermelho e amarelo. Depois, em camadas circulares, a resina branca finaliza o trabalho, tendo menos interferência do fundo vermelho do feltro, comunicando algo que se destaca de toda a alquimia que os demais fluidos constroem ali. Ainda, tecidos que estão acima e abaixo da pintura e do feltro compõem as camadas físicas que conferem maior complexidade ao painel central.

O feltro é o material utilizado para a pintura da parte central da instalação, feito pelo aglutinamento de fibras variadas, que podem ser naturais ou sintéticas. Por formar uma trama compacta, flexível e porosa. É um material que confere ao trabalho um materialidade específica: as fibras visíveis no trabalho, o vermelho intenso, aprofundado com as fibras levemente mais escuras. Sua característica permeável se relaciona com a geração mensal do endométrio, tecido sanguíneo que compõe uma camada dentro da cavidade uterina. Nesta permeabilidade, recebe as tintas líquidas e as resinas, que se fundem ao tecido na marca absorvida, tal qual um órgão interno, exposto externamente na instalação. Esse corpo material com líquidos dialoga com as luas, que orbitam em torno dele. Atrai o espectador como atrai as luas. As luas convidam para uma observação atenta dos símbolos.



Figura 32: Luas, montagem na Galeria Espaço Piloto, 2023
Fonte: arquivo da autora

A paleta de cores nas luas faz referência à pintura central, tendo o vermelho sempre presente, a estabelecer um diálogo com a visceralidade. Se enlaçam ao vermelho o marrom e o carmin, que dão aspectos terrosos e sanguíneos, de profundidade. Além do vermelho, tons de laranja e amarelo comunicam luminosidade e energia que se mostram, ora tomando quase toda a imagem, ora omitidos, para ceder lugar a outras alegorias. O violeta se apresenta em poucas composições, trazendo uma semântica de cosmos e transmutação. E tons frios, como o azul e verde, aparecem nas mandalas que fazem maior alegoria à terra e à natureza.

As luas, que orbitam ao redor do útero, são realizadas em MDF preparado com gesso acrílico que recebe imagens desenhadas com giz pastel oleoso. Esses materiais, em contraste com o útero, trazem a semântica de matéria e concretude. A lua, como satélite concreto, controla as águas. Por esse motivo, as mandalas desenhadas, que representam as 13 lunações em um ciclo de 1 ano são posicionadas ao redor do trabalho expressivo, fluido, aquático, que existe sobre as camadas de tecido do feltro. O uso de um material mais rígido nas luas também vem da intenção de manifestar e trazer para a terra, nas imagens, o inconsciente e o mistério. O controle permitido pelo giz sobre as placas permite trazer com maior assertividade as linhas e formas dos símbolos criadas de maneira espontânea e automática, trazendo a fala imagética do inconsciente.

Mitologicamente, as luas são conhecidas como uma representação do inconsciente, enquanto o sol representa o conteúdo consciente. Por esse motivo, a criação das luas passa por um processo expressivo automático, que se inicia sem resultado desejado, rumo ao desconhecido. O único fator relacionado à criação de todas as luas é uma conexão com o útero, uma conexão visceral com o corpo e a sexualidade, de forma concentrada, por alguns minutos antes de pintar. Sonhos são impulsos constantes para o desenvolvimento das imagens, não sendo necessariamente o registro literal que é trazida, mas a conexão com a sensação ou o sentimento despertado.

As luas carregam imagens criadas de forma espontânea, de modo a captar a expressão do inconsciente. Iniciam-se sem ideia pré-concebida e chegam ao fim quando já não existe mais estímulo psíquico para sua continuação. Segundo Faiga Ostrower, teórica das artes visuais que aborda a criação e a intuição:

Quando é que uma obra está terminada? Quando todos os componentes, esses detalhes que eu estava explicando, na própria percepção, tudo isso se encaixa numa ordem que é justa, onde tudo se justifica: os detalhes de cima, as formas, as cores de cima com as de baixo, tudo se relaciona para um conjunto não só harmonioso, mas expressivo. Tudo tem, realmente, valor. Nada é supérfluo, mas também, nada falta [...] (INSTITUTO FAYGA OSTROWER, 2012)

Percebi que, quanto mais me conectava com esse trabalho, me dispoño a pintar as luas, mais me conectava com o corpo e o sentimento visceral de uma criatividade que brota do útero, sentindo, muitas vezes, essa região do meu corpo pulsar enquanto pintava. Como diz Fayga: “Quanto mais você tem a experiência do fazer, mais você pode intuir”. Traduzindo essa sensação de forma automática em uma imagem, criava, ali, sua manifestação, trazendo, logo depois, uma escrita poética sobre o que essa imagem suscita. Cria-se uma conexão de sensualidade neste processo, onde a conexão com o corpo desperta uma conexão intuitiva a ser expressa na mandala de cada lua, despertando mais empatia e desejo por repetir esse processo:

A sensualidade é uma parte fundamental das linguagens artísticas. Por que alguém se apaixona pela gravura, pela escultura, pela poesia, pela música? Qual é essa paixão? É pela própria sensualidade da matéria. Você quer se aprofundar nas possibilidades da matéria, nessa empatia com a matéria. Então, a beleza, para mim, e a visão, tudo isso são coisas em que o Ser responde com todo o seu ser, com todo o seu ser intelectual, mas também o seu ser sensível e sensual. (INSTITUTO FAYGA OSTROWER, 2012)

Desta forma, em uma conexão sensual, ao longo de dois meses, foram criadas as Luas, mandalas com símbolos que dialogam com essas sensações, intuições e emoções em conexão com o corpo. Elas dialogam e orbitam em torno do centro criativo, do caldeirão amorfo pintado com fluidos absorvidos, dispersos, escorridos.

A apresentação das luas, no trabalho, é acompanhada por uma escrita poética que também é realizada em livre associação, trazendo um conteúdo inconsciente que se materializa para uma integração individual através da arte. Toda a escrita poética do trabalho foi reunida em um livro “Sonhos Uterinos” disponível para acesso por QRCode na galeria e inserido neste trabalho nos Anexos.

2.2 Pintura e inconsciente

Na compreensão de Carl Gustav Jung, psicanalista suíço fundador da Psicologia Analítica, o homem tem a sua psique composta de consciente e inconsciente, mas o inconsciente amplia-se em diversas camadas: o inconsciente pessoal, com elementos e experiências do indivíduo; o inconsciente familiar ou étnico, com experiências compartilhadas entre famílias e/ou etnias e o inconsciente coletivo, com camadas inconscientes comuns a toda a humanidade (SERBENA, 2010). Do último surgem os arquétipos, com estruturas e imagens comuns a todos os indivíduos da espécie humana, manifestados em sonhos, religiões, mitologia e contos de fada, por exemplo.

Jung dirá que a consciência egóica opera principalmente pelo raciocínio causal e lógico, mas a consciência ampliada do inconsciente funciona por meio de analogias, associações e semelhança, sendo essencialmente imagética. Assim, o relacionamento entre o consciente e o inconsciente opera principalmente por meio da imagem e da imaginação. O inconsciente opera também nos sonhos, nas fantasias, no pensamento mítico.

O caráter espontâneo da expressão permite alcançar o universo inconsciente de um indivíduo, através de imagens e de símbolos, que podem ser compreendidos conscientemente.

“Para Jung, o trabalho com o inconsciente exige uma atitude aberta para com o desconhecido, disponibilidade para o aspecto imponderável do conhecimento e, principalmente, aceitação de novas perspectivas epistemológicas e metodológicas” (ARCURI, 2013).

Jung propunha a análise dos conteúdos simbólicos em séries, se dedicando à análise de sonhos durante o desenvolvimento de sua teoria (ao longo de sua prática clínica interpretou cerca de 80.000 sonhos). Os sonhos apresentam ao consciente uma linguagem alegórica, que pode ser interpretada e conhecida conscientemente. Essa interpretação também é emocional e se associa com imagens, símbolos e arte:

O sistema límbico do cérebro, incluindo a amígdala, responsável pela memória, traumas, música, entonação verbal, metáforas, também responde a símbolos com um contexto emocional, tais como ícones, mandalas e arte. A amígdala associa emoções com símbolos. Ela recebe informações do córtex e as integra em informações sensoriais

externas e internas, o que resulta na experiência de realidade do indivíduo. (CARRUTHES, 2009, apud HORSCHUTZ, 2010 p.10)

As imagens geradas espontaneamente apresentam, frequentemente, ilustrações de opostos e integrações e podem ser lidas e compreendidas em série, segundo a ordem que foram produzidas. Como resultado para a psiquê de um indivíduo:

Ao introduzir a perspectiva simbólico-arquetípica como fundamento e ferramenta para o entendimento da realidade psíquica, Jung possibilitou a integração de vários aspectos dissociados tais como subjetividade e objetividade, razão e espírito, individual e coletivo, pessoal e universal” [...] “tais imagens, em certas circunstâncias, terem efeito terapêutico considerável sobre seus autores, é empiricamente comprovado. Além do mais, tal fato é facilmente compreensível, posto que essas imagens representam, não raro, tentativas ousadas de ver e reunir opostos aparentemente inconciliáveis e vencer divisões anteriormente intransponíveis. (ARCURI, 2013)

A pintura automática foi largamente explorada pela artista **Hilma Af Klint**, que apresenta as primeiras pinturas abstratas da história da arte, datadas de 1906. Mais tarde, os surrealistas também exploraram a pintura automática, fazendo com que este método ganhasse importância. A partir de 1890 forma, com mais quatro mulheres, o grupo The Five, e em 1896 elas começam a praticar, em sessões semanais, o desenho automático (PINHEIRO, 2020).

É possível perceber que Hilma Af Klint acreditava tangenciar, com sua pintura, um nível mais amplo da humanidade que apenas sua dimensão pessoal. Logo, as imagens de Hilma eram criações diretas do inconsciente. A maior parte das pinturas de Hilma foi separada pela autora para serem apresentadas ao mundo apenas 20 anos após sua morte, por conterem mensagens que a humanidade não estava ainda pronta para receber e compreender. Seus símbolos nasciam espontaneamente. Eles impressionam não apenas pela simetria e harmonia de cores presente em seu trabalho, mas pela dimensão monumental de alguns trabalhos. Segundo a pintora:

As imagens eram pintadas diretamente através de mim, sem nenhum desenho preliminar e com grande força. Eu não tinha ideia do que as pinturas supunham dizer; apesar disso, eu trabalhei focada e confiante, sem alterar nenhuma única linha. (In: KARG, 2022 - Tradução livre)



Figura 33: Grupo IV, As Dez Maiores, de Hilma af Klint, em exposição no Guggenheim Museum, 2018
Fonte: The Guggenheim Museum, New York

Sonhos Uterinos se apresenta como um reflexo de toda a psiquê presente em sua feitura, a convidar o espectador para um mergulho onírico na reflexão de sua própria cosmologia.

3. Sonhos Uterinos



Figura 34: Instalação Sonhos Uterinos na Galeria Espaço Piloto, 2023
Fonte: arquivo da autora.

Sonhos eternos
Que atravessam a noite
Trazem a água e o sangue
Dançam no breu
Afogam nas vísceras
e queimam pensamentos

Promessas imaginais
São desejos
que expelem a morte

Entregues ao cosmos
São frutos de vida
Ampliam e sabem
Que o corpo está além.¹

¹ Poema inspirado por ASP.

3.1 Útero



Figura 35: Painel central - Útero, 2023
Fonte: arquivo da autora

Útero se forma
como quer
Vive seu desejo
E sangra
Em lampejo de prazer
Conecta conexas potências
Em gozo que atrai
Espasmos que caem
Latências
Criação vem
Não espera.²

² Poema de ASP.

3.2 As luas

3.2.1 Primeira Lua - Fenda



Figura 36: Primeira lua - Fenda, 2023
Fonte: arquivo da autora

Abre-se portal
Chama ilumina
O fogo arde
Verdade
No corpo vermelho
A vibração se propaga
O anel se alarga
O nascimento está próximo
Carne vive.

3.2.2 Segunda Lua - Energia

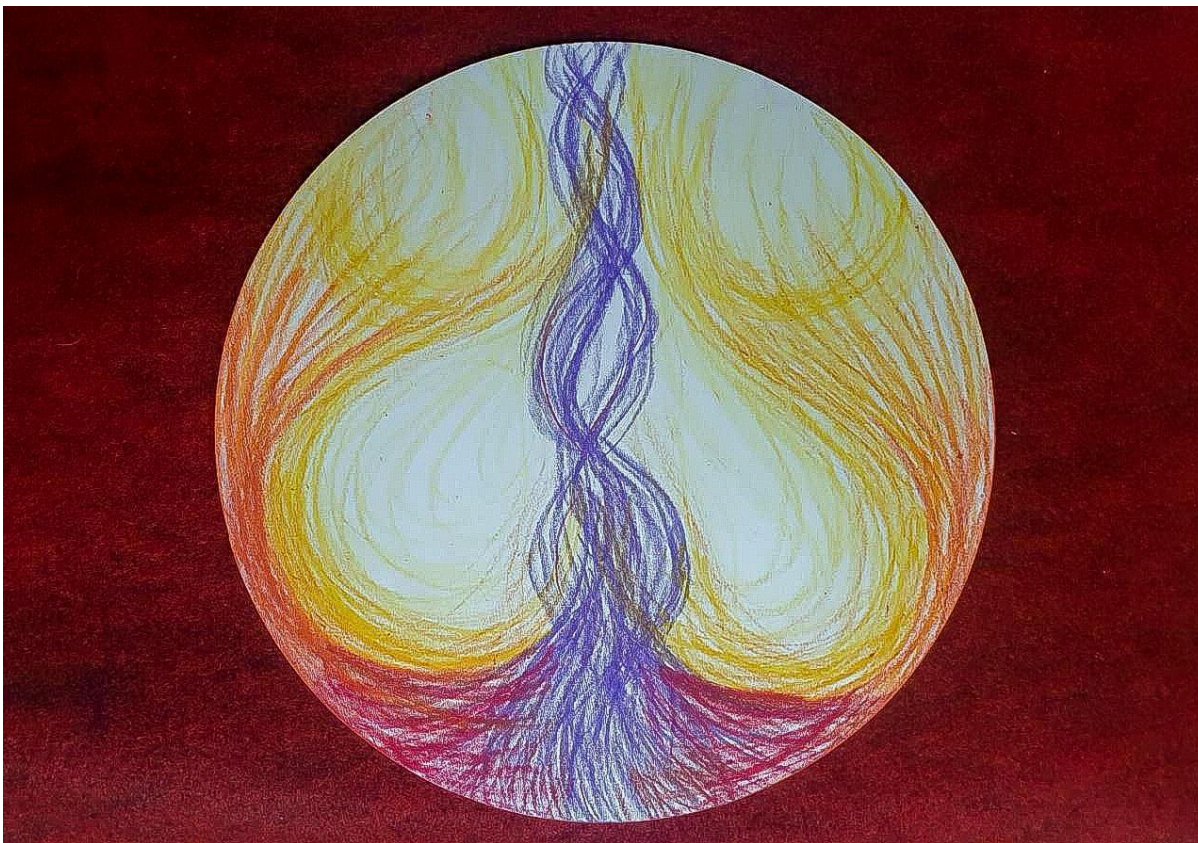


Figura 37: Segunda lua - Energia, 2023
Fonte: arquivo da autora

Como óvulos

Ideias

Meu útero recebe milhões delas.

Como tantos óvulos
seguem seu caminho

Seguem as ideias
que passam pela cabeça

Que dentro do útero
não sofrem nidação.

Mas algumas, como óvulos
De potência e nutrição únicos
São recepcionados, acolhidos, nidados
Se desenvolvem, como gestação.

Todas são luminosas
Todas são transformadoras

Mas não há útero para tantas
Assim como só há dois braços
para cuidar e fazer crescer
Então elas seguem seu curso
Não são descartadas, mas voam pelo mundo
A buscar úteros-lar que vão gestá-las
Físicos ou cósmicos
Úteros-casa de infinitas possibilidades
A populacionar a Terra de vida.

3.2.3 Terceira lua - Enraizamento



Figura 38: Terceira lua - Enraizamento, 2023
Fonte: arquivo da autora

Entranham na terra
As fontes de vida
Mergulham e serpenteiam
A buscar alimento
A ancorar a força criativa.
Pelas placentas
Entranham artérias e veias
E nutrem, crescem, ampliam
A criação.

3.2.4 Quarta lua - Horizontes

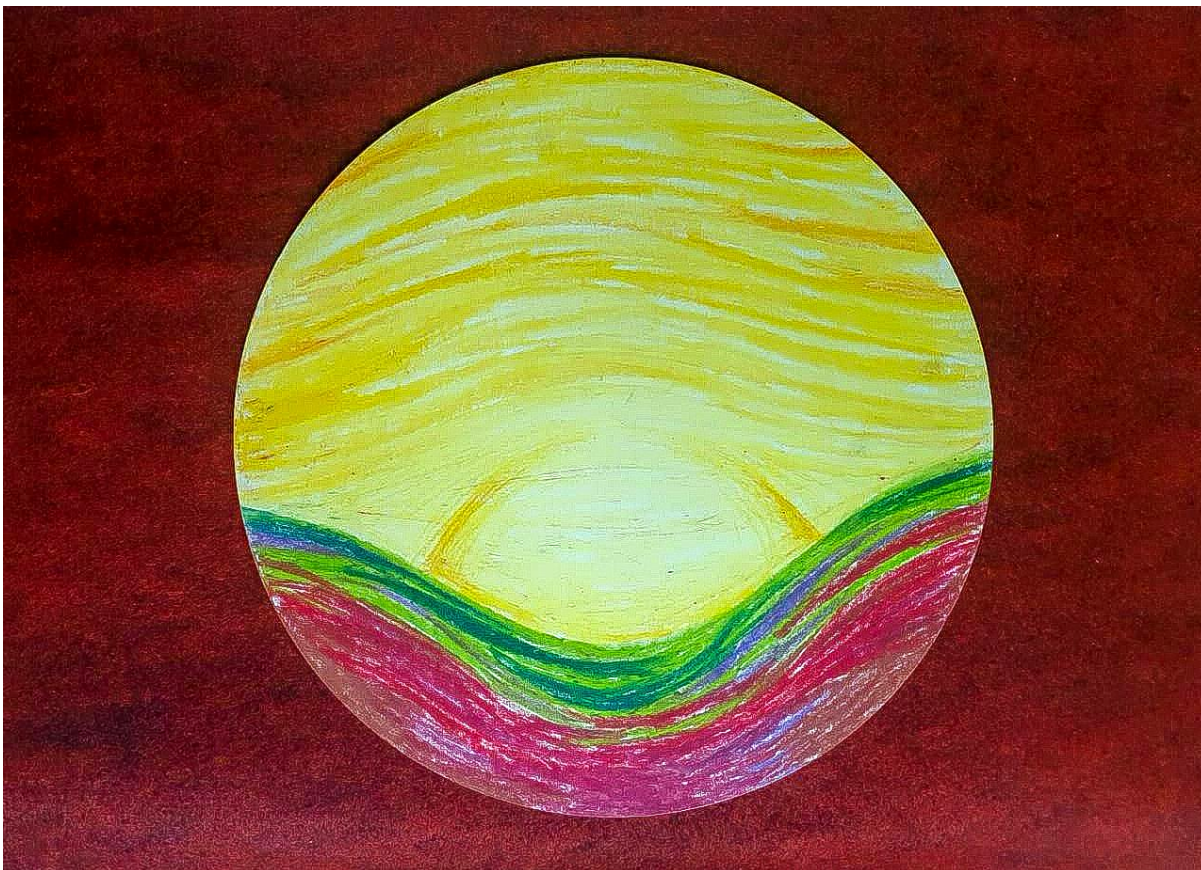


Figura 39: Quarta lua - Horizontes, 2023
Fonte: arquivo da autora

Encontro com a própria luz
Expansão que vem do centro
Alvorecer vem do sangue
Da limpeza para o novo
Amplio a vida
Me entrego.

3.2.5 Quinta Lua - Semente

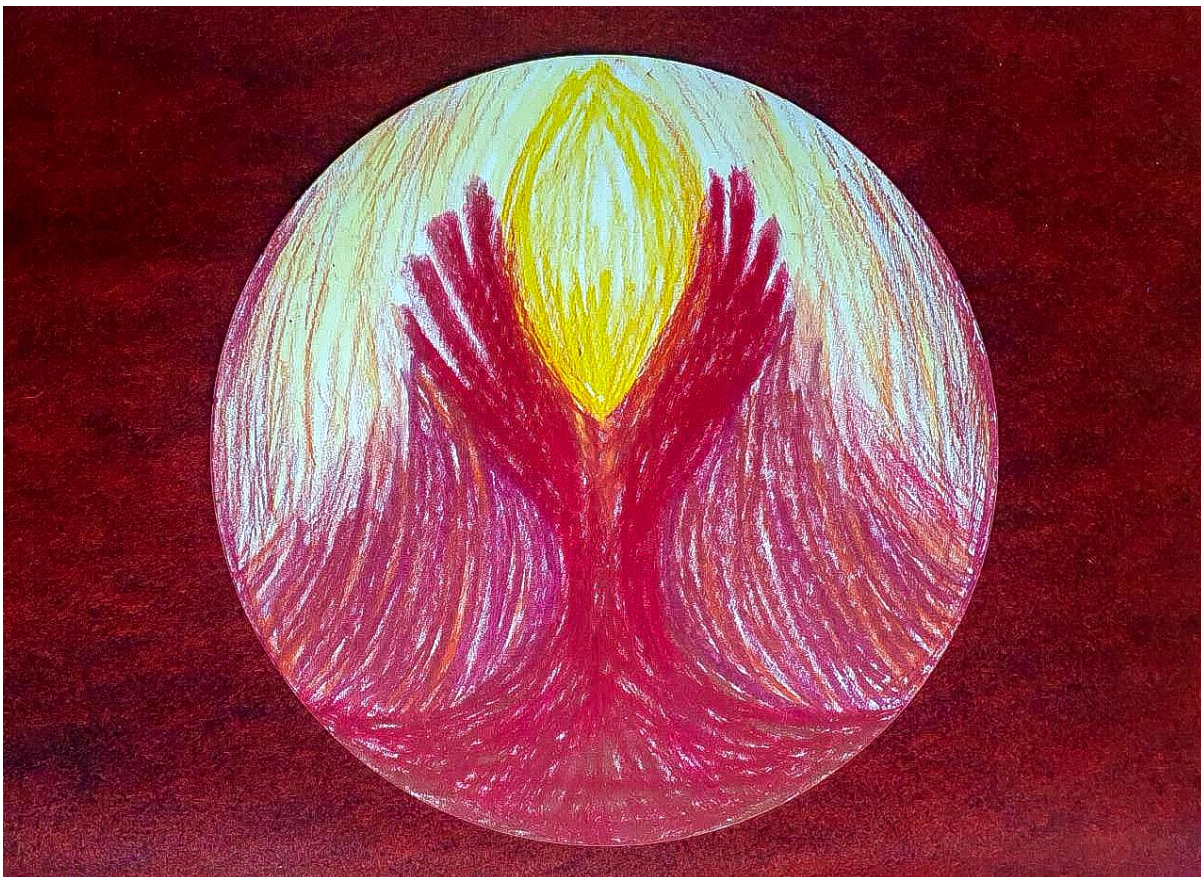


Figura 40: Quinta lua - Semente, 2023
Fonte: arquivo da autora

Fruto
Benção
Potência
Se ergue do meu
Centro criativo
Para a vida
Para o mundo
Oferenda visceral

A caverna
Que guarda ouro
É minha casa
Ancestral

Muitos frutos
Muitas pedras
Preciosas
Já formadas
Foram engolidas
Não vistas
Negadas
Por não haver espaço
Por não ser possível
Mostrar

Na união de tantas
Caladas
O sonho Onírico uterino
Que carrego no ventre
Fruto brilhante e poderoso
Ganhará voz
Se torna material

Honrar
Erguer
Materializar
Vencer o medo
Sentir a força
Valer a saúde
Oferecer
Viver
Permeiar.

3.2.6 Sexta lua - Conexão

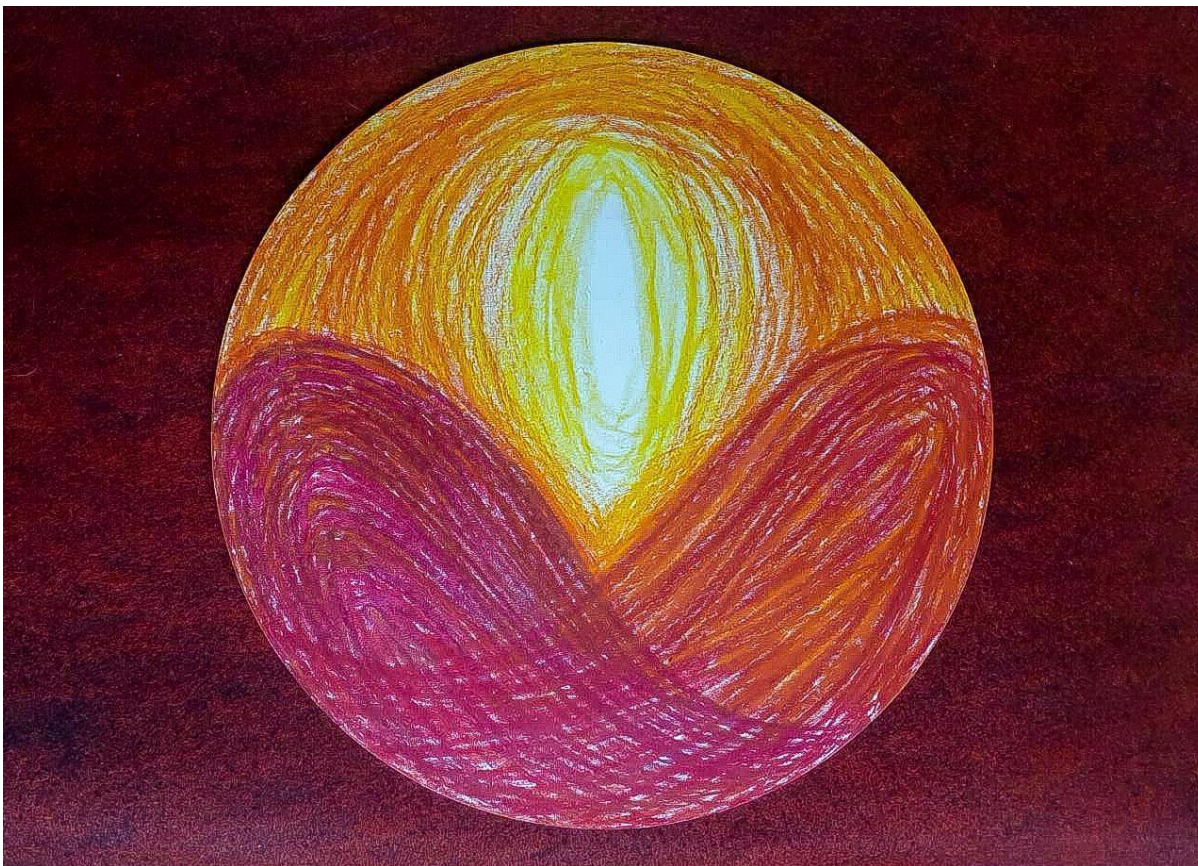


Figura 41: Sexta lua - Conexão, 2023
Fonte: arquivo da autora

Duas ondas
Ou a mesma?
O encontro provê a luz
Ponto comum de vida.

3.2.7 Sétima lua - Nascimento



Figura 42: Sétima lua - Nascimento, 2023
Fonte: arquivo da autora

Integração

Vagina

Portal

Sutil

Nasce

Amplia

Permite

Passagem

O encontro

Consigo

Existe.

3.2.8 Oitava Lua - Força



Figura 43: Oitava lua - Força, 2023
Fonte: arquivo da autora

Falo e força

Penetra e admite a potência

Sou a cobra e a terra

Que falam da natureza vibrante

Do útero saudável e forte.

Eu assumo e admito o prazer

Eu assumo e admito o desejo

Eu assumo e admito o gozo

Eu assumo e organizo a busca

Transformo.

3.2.9 Nona lua - Caos



Figura 44: Nona lua - Caos, 2023
Fonte: arquivo da autora

Do emaranhado
Nasce a flor
Nascem as células
Brota o ser
Brota a seiva
Recorto os detalhes
Nem tudo assumo
Encontro razões
Justifico
Ordeno
Movimento
Modifico
Vida nova.

3.2.10 Décima lua - Benção

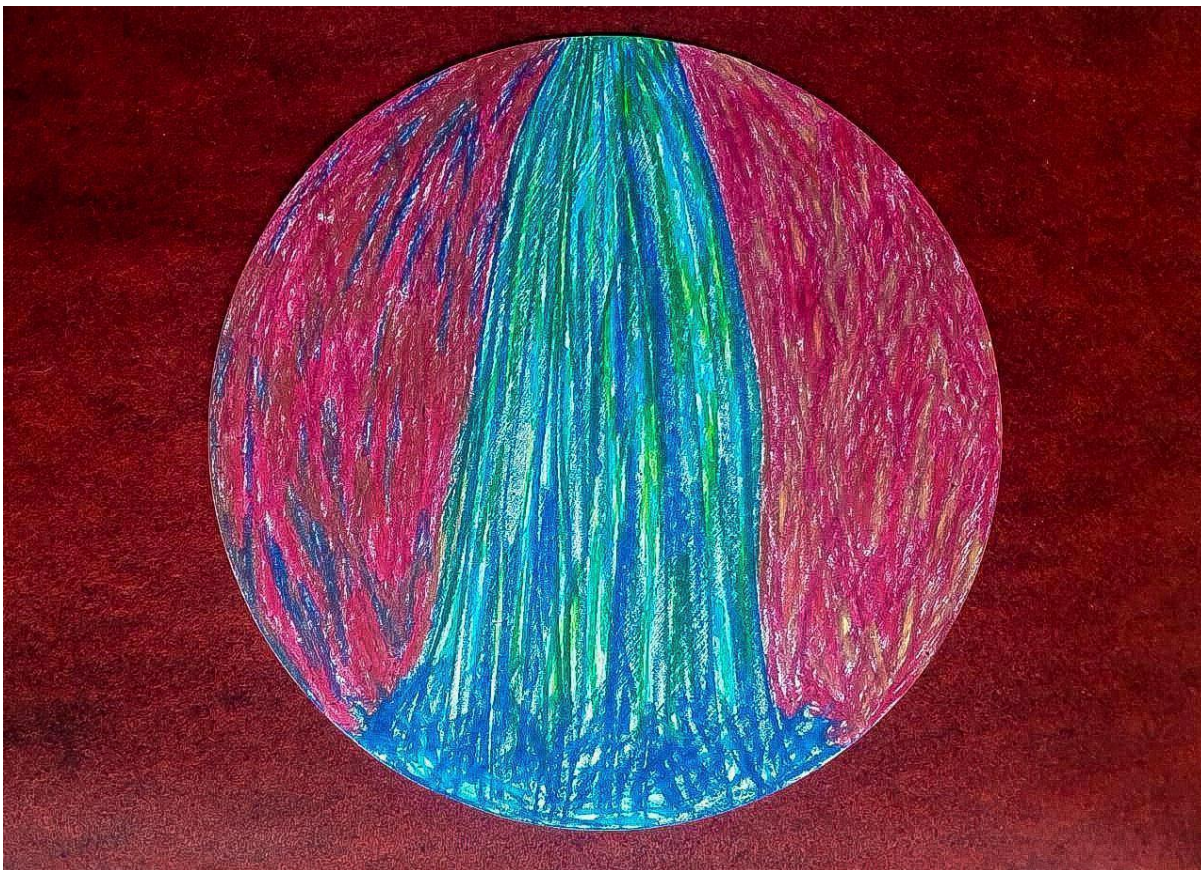


Figura 45: Décima lua - Benção, 2023
Fonte: arquivo da autora

Encontro a paz
Na rendição
Encontro o fluxo
A limpeza
A calma
Nas vísceras
Existe céu
Em mim.

3.2.11 Décima primeira lua - Reverberação



Figura 46: Décima primeira lua - Reverberação, 2023
Fonte: arquivo da autora

Cristal pronto
Dentro do corpo macio
Por dentro brilha
Protegido e aquático
Ilumina a escuridão
É água e fogo
Igneo o espaço
Precioso o que oferece
Sou o brilho e a luz
Sou o amor e a chama
Acolher-se e acolhida
Vida que transforma.

3.2.12 Décima segunda lua - Terra



Figura 47: Décima segunda lua - Terra, 2023
Fonte: arquivo da autora

Quando se sai de dentro
Se percebe
Que o corpo
Também é pequeno
Diante da noite
Diante da alma.
Há uma saída para as estrelas.
Respostas.

3.2.13 Décima terceira lua - Encontro



Figura 48: Décima terceira lua - Encontro, 2023
Fonte: arquivo da autora

É preciso abrir-se
Pro portal da noite
Pro olhar da lua
E emergir de si
Sair das entranhas
Ver a luz e o sagrado
Que vai além do conhecido
Expandir é nascer
Abrir-se e ver.

4. Próximos passos e considerações finais

O útero que recebe fluidos, pulsões, desejos e sonhos encontrou ressonância e se projetou. As luas, captando o inconsciente, se mostram. Sonhos Uterinos foi, acima de tudo, um processo de autodesenvolvimento. Adentrar a minha cosmologia interna no que se desenvolve como obra de arte e apresentar a complexidade humana a partir do mergulho intuitivo possibilitado pelo corpo.

Como próximos passos, apresenta-se o desejo de estudar outras formas de relação dos símbolos criados com o espaço e o espectador, seja a partir de interações, seja a partir de performances. Tais caminhos são, também, a possibilidade de que o espectador vivencie a energia psíquica diluída na obra como um ninho que receba outro ser humano. Desta forma, talvez, conectando cosmologias internas e expandindo para compreensões acerca da complexidade da mulher e do significado do útero.

Em Sonhos Uterinos apresento um reflexo do que me habita em um imaginário feminino decolonial. Desejo que este trabalho impulse outras mulheres a descobrirem suas próprias imagens e a criarmos, juntas, um universo simbólico próprio e único, descolonizado de modelos e padrões opressores.

5. Referências

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: uma história concisa**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARCURI, Irene Gaeta. **O Desenho-Estória Como Linguagem – Arte Como Processo Psicodiagnóstico**. In: Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://estudosjunguianos.com.br/blog/o-desenho-estoria-como-linguagem-arte-com-o-processo-psicodiagnostico/>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BELLO, Susan. **Pintura Espontânea: Criando a jornada simbólica**. Brasília: Ler Editora, 2014.

BROOKLYN MUSEUM. **The Dinner Party by Judy Chicago**. Disponível em: <https://www.brooklynmuseum.org/exhibitions/dinner_party/>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CHEVALIER J. e GHEERBRANT A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CONTEMPORARY ART FASHION SLUB POP KITSCH. **Jackson Pollock Documentary (circa 1973 or so)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PYpA0iWhjJc>>. Acesso em: 22 jul.2022.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as Cores Afetam a Emoção e a Razão**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

HODGE, Susie. **Breve história das Artistas Mulheres**. São Paulo: Olhares, 2022.

INSTITUTO FAYGA OSTROWER. **Fayga Ostrower - A Intuição, a criação e a beleza**. Youtube, 14/09/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3X-1_mB7UTY>. Acesso em: 22 jul.2022.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/lispector-acc81gua-viva.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

JUNG, Carl Gustav (et. al), **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

KANDINSKY, Wassily. **De lo espiritual en la arte**. 2. ed. Barcelona: Barral Editores, 1977.

KARG, Alexandra. **Hilma af Klint: 6 Facts About A Pioneer In Abstract Art** . The Collector, 5 de setembro de 2020. Disponível em:
<<https://thecollector.com/hilma-af-klint-abstract-art/>>. Acesso em: 05 jun.2023

MARTIN, Kathleen. **O Livro dos Símbolos: Reflexões Sobre Imagens Arquetípicas**. Alemanha: Editora Taschen, 2020.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **O Útero do Mundo**. Catálogo da exposição. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São paulo, 2016. Disponível em:
<<https://admin.mam.org.br/wp-content/uploads/2016/10/outerodomundo.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 30. ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

PINHEIRO, Luciana. **As cores da Alma: A Vida de Hilma Af Klint**. 1.ed. São Paulo: Publicações Civita Solis, 2020.

PORTLAND STATE UNIVERSITY. Special Collections & University Archives. **Helen Frankenthaler at Portland State: Q & A, 1972**. Youtube, 22/11/2013. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=00A1R06tLa8>> - Acesso em: 20 jul. 2022.

READ, Herbert Edward, Sir. **La Pintura Moderna**. México DF: Editorial Hermes, 1964.

SERBENA, Carlos Augusto. **Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010 . Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Luciana Bosco e. **Instalação: espaço e tempo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2011. Disponível em:
<<https://docplayer.com.br/7373700-Luciana-bosco-e-silva-instalacao-espaco-e-tempo.html>>. Acesso em: 7 jul. 2023.

THE MUSEUM OF MODERN ART. **The Ukrainian artist who dripped paint before Jackson Pollock** - Janet Sobel - UNIQLQ ARTSPEAKS. Youtube, 17/06/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x1Y-iC3AZik>>. Acesso em: 23 mar. 2023

VICUÑA, Cecilia. Installations. Cecilia Vicuña, 2023. Disponível em: <<http://www.ceciliavicuna.com/interior-installations/1qihbdrqnfqsd8gf9or68dc332co4f>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do Feminismo**. In: Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, n. 2, 2021, p. 10-31.

ANEXOS

1 Obra no espaço expositivo



Figura 49: Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto/ UnB/ Brasília
Fonte: arquivo da autora



Figura 50: Sonhos Uterinos, 2023, na Galeria Espaço Piloto/ UnB/ Brasília
Fonte: arquivo da autora

2 QR Code para acesso à publicação Sonhos Uterinos



Acesse o Livro Sonhos Uterinos
<https://bit.ly/sonhos-uterinos>

Figura 51: QR Code para acesso ao livro Sonhos Uterinos
Fonte: arquivo da autora

3 Livro Sonhos Uterinos

O livro “Sonhos Uterinos”, na íntegra, está disponível no link:
<https://bit.ly/sonhos-uterinos>

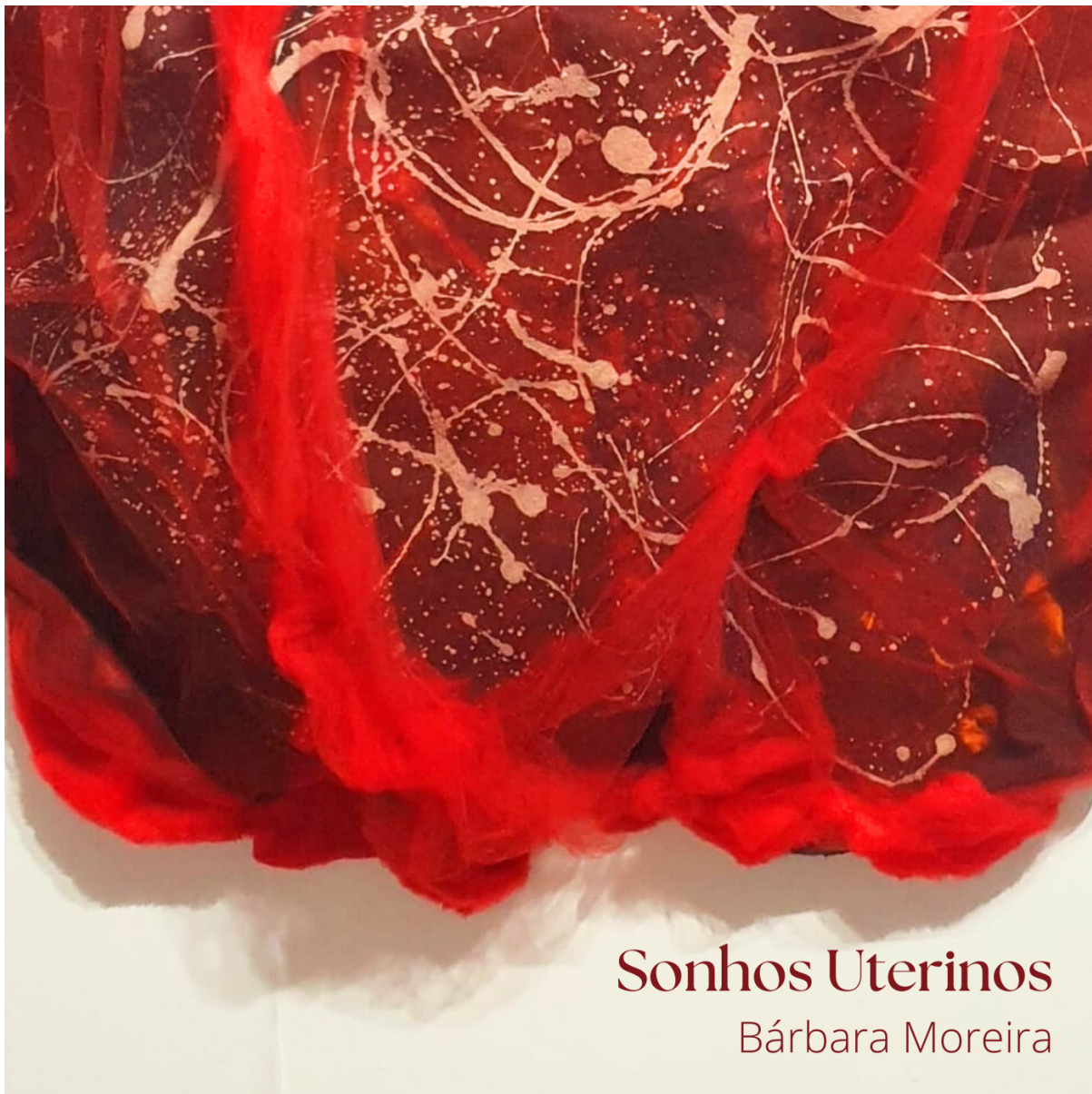


Figura 52: Capa do Livro Sonhos Uterinos, 2023
Fonte: arquivo da autora



Sonhos Uterinos - Bárbara Moreira
Instalação

Tinta acrílica e PVA sobre feltro
Giz pastel oleoso sobre placas de MDF
3m50 x 2m

Galeria Espaço Piloto - Universidade de Brasília - 2023

Figura 53: Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da obra
Fonte: arquivo da autora



Figura 54: Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da autora
Fonte: arquivo da autora

Bárbara Moreira (Brasília, 1987) é designer e artista visual formada pela Universidade de Brasília. Nas artes visuais, seu trabalho fala do sentir, da memória e do inconsciente feminino, atravessada pela maternidade, com pintura, escultura e instalação. É mãe do Miguel e da Beatriz, atua como Consultora em Amamentação e Artista Gestacional e Facilitadora em Pintura Espontânea. Membro do @coletivomatriz.

Em 2022 realizou sua primeira exposição individual “A Mulher por Trás da Mãe” no SESC Presidente Dutra em Brasília/DF. No mesmo ano, compôs a exposição Igualdade de Gênero - Cientistas Mulheres, na Aliança Francesa de Brasília, com a escultura pública “Grande Mãe”. Em 2021 fez parte da Exposição "Maternagens: Estéticas paridas" da Universidade de Brasília (UnB) em parceria com Instituto Federal de Brasília (IFB) em Celebração ao Dia da Mulher. Em 2020 participou das exposições virtuais Intermissão, (In)Tangível, Intersecções e Experiências Dirigidas. Em 2019 expôs no Museu Nacional da República na Exposição Matriz, de Clarice Gonçalves. Em 2019 apresentou a obra “Violência Sutil” nos seminários diversos da Universidade de Brasília. Participa de exposições coletivas desde 2018.

Recebeu premiações no campo do Design a nível nacional (Prêmio Varejo Sustentável Walmart Brasil, 2009, e Associação Brasileira de Embalagem, 2010), e internacional (Internacional Worldstar Student (WPO, 2010).

Bárbara Moreira

Figura 55: Livro Sonhos Uterinos - Apresentação da autora
Fonte: arquivo da autora

Sonhos Uterinos

Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado
em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais
do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Cinara Barbosa.

Brasília, 2023.

A handwritten signature in dark ink, reading 'Bárbara Moreira', is centered on a light beige rectangular background.

+55(61)98116-9787 - @barbara.moreira.arte

Figura 56: Livro Sonhos Uterinos - Página final
Fonte: arquivo da autora